Benjamin H. Freedman

"Fatos são Fatos"

A Verdade sobre os Kházares (os judeus)

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Benjamin H. Freedman

"Fatos são Fatos"

A VERDADE SOBRE OS KHÁZARES (os chamados judeus)

Distinguindo entre o "judeu" e os hebreus que são israelitas.

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

DEDICATÓRIA

A todos os homens de boa vontade, de todas as origens raciais e de todas as confissões religiosas. Conhecimento é uma coleção de fatos. Sabedoria é o uso do conhecimento. Sem fatos não há conhecimento. Sem conhecimento não há nenhuma sabedoria. Fatos impedem o que nada pode curar. Os fatos são a melhor defesa do homem. Sem eles, os homens tropeçam, vacilam e fracassam. Sem eles, as nações declinam e caem. A sabedoria vence guerras antes que elas comecem. O conhecimento aborta hostilidades nacionais. A sabedoria elimina antipatias raciais. O conhecimento apaga animosidades religiosas. A emancipação do preconceito precede a paz. A intolerância toma tudo e nada dá. A paz recompensa o respeito e a consideração recíprocos. A todos os Homens de Boa Vontade, “Pax Vobiscum!” – Benjamin H. Freedman

Benjamin Harrison Freedman foi um empresário americano, convertido do judaísmo ao catolicismo, conhecido por suas posições antissionistas, antisemitas e por promover o negacionismo do Holocausto.

A VERDADE SOBRE OS KHÁZARES

Meu caro Dr. Goldstein,

Suas realizações verdadeiramente notáveis como convertido ao catolicismo me impressionam como algo sem paralelo comparável na história moderna. Sua devoção à doutrina e aos dogmas da Igreja Católica Romana desafia qualquer tentativa de descrição apenas com palavras por parte de quem escreve. Me faltam palavras para isso.

Como um protagonista vigoroso, perseverando com tanta constância na propagação dos princípios da Igreja Católica Romana — seus propósitos, suas políticas, seus programas —, sua determinação destemida é inspiração para incontáveis outros que, com coragem, buscam seguir seus passos.

Em vista desse fato, é preciso grande coragem de minha parte para lhe escrever como estou prestes a fazer. Por isso, peço que, ao receber esta comunicação minha, o senhor procure ter em mente Gálatas 4:16: “Tornei-me, porventura, vosso inimigo, porque vos digo a verdade?”. Espero que o senhor me conceda essa benevolência.

É verdadeiramente uma fonte de grande prazer e sincera satisfação poder finalmente saudá-lo, ainda que, por necessidade, apenas por correspondência. É para mim uma considerável decepção fazer sua amizade dessa maneira. Muito maior prazer, e também um grande privilégio, eu teria agora se, em vez disso, pudesse saudá-lo pessoalmente nesta ocasião.

Nosso muito bom amigo em comum vem, há muito tempo, planejando um encontro pessoal entre nós. Continuo desejando que isso se concretize. Aguardo com agradável expectativa que isso possa acontecer em um futuro não muito distante, em um momento que lhe seja conveniente.

O senhor encontrará no conteúdo desta longa carta provas válidas da urgência, de minha parte, em comunicar-me com o senhor sem mais demora. Encontrará também essa urgência refletida na gravidade atual da

crise que agora põe em risco a continuidade ininterrupta da fé cristã em sua longa luta como a mais eficaz força espiritual e social do mundo, na missão divina de promover o bem-estar de toda a humanidade, sem consideração pelas suas diversas raças, religiões e nacionalidades.

Seu artigo mais recente que chegou ao meu conhecimento apareceu na edição de setembro do “The A.P.J. Bulletin”, publicação oficial da organização que se autodenomina Arquiconfraria de Oração pela Paz e Boa Vontade para Israel. O título do seu artigo, “News and Views of Jews”, e o objetivo da organização, declarado no cabeçalho da publicação — “Promover o interesse no Apostolado para Israel” — levam-me a agarrar o Tempo pelo topete e oferecer prontamente meus comentários. Peço, portanto, a sua indulgência.

É com relutância que coloco meus comentários na forma de carta. Hesito em fazê-lo, mas encontro nisso o único meio conveniente nas circunstâncias. Peço licença para submetê-los agora ao senhor, sem quaisquer reservas, para sua consideração imediata e atenta. É meu desejo muito sincero que o senhor os receba no espírito amistoso em que são apresentados. Espero também que lhes conceda sua consideração e me favoreça com uma resposta breve, no mesmo espírito amistoso, pelo que desde já lhe agradeço.

No melhor interesse desse objetivo digno ao qual o senhor continua a dedicar os anos vindouros, como tão diligentemente o fez por muitas décadas passadas, exorto-o, com o máximo respeito e sinceridade, a analisar e estudar cuidadosamente os dados aqui apresentados. Sugiro também que, em seguida, tome as medidas que considerar apropriadas e necessárias como resultado de suas conclusões. Na guerra ideológica invisível e intangível que está sendo travada em defesa do grande patrimônio cristão contra seus inimigos dedicados, sua atitude positiva é vital para a vitória. Uma atitude passiva, por sua vez, contribuirá negativamente para o esforço total.

O senhor certamente subscreve plenamente aquele sentimento sensato e equilibrado de que “é melhor acender uma vela do que permanecer na escuridão”. Minhas tentativas solitárias até agora de “dar luz aos que estão

sentados na escuridão e na sombra" talvez não se revelem mais bem-sucedidas junto ao senhor do que o foram em tantos outros casos em que fracassei ao longo dos últimos trinta anos. No seu caso, porém, sinto-me bastante otimista neste momento.

Embora não totalmente em vão, ainda vivo na esperança de que, um dia, uma dessas "velas" irrompa em chama como uma faísca que ficou muito tempo em brasa e dê início a uma conflagração que varra a nação como um incêndio nas pradarias e ilumine, pela primeira vez, vastos novos horizontes. Essa esperança inabalável é a fonte da coragem que me auxilia em minha luta contra as grandes probabilidades às quais estou submetido por razões óbvias.

Sustenta-se corretamente há milhares de anos que "no fim a Verdade sempre prevalece". Todos nós reconhecemos que a Verdade em ação pode provar ser uma força dinâmica de poder ilimitado. Mas, infelizmente, a Verdade não tem partida própria. A Verdade não consegue sair do ponto morto a menos que um apóstolo digno lhe dê um pequeno empurrão para vencer sua inércia. Sem esse impulso inicial, a Verdade permanecerá imóvel e jamais chegará ao destino a que se propõe. Muitas vezes a Verdade morreu ainda no nascedouro por essa razão tão lógica. Sua ajuda, nesse sentido, terá grande valor.

Embora não totalmente em vão, ainda vivo na esperança de que, um dia, uma dessas "velas" irrompa em chama como uma faísca que ficou muito tempo em brasa e dê início a uma conflagração que varra a nação como um incêndio nas pradarias e ilumine, pela primeira vez, vastos novos horizontes. Essa esperança inabalável é a fonte da coragem que me auxilia em minha luta contra as grandes probabilidades às quais estou submetido por razões óbvias.

Sustenta-se corretamente há milhares de anos que "no fim a Verdade sempre prevalece". Todos nós reconhecemos que a Verdade em ação pode provar ser uma força dinâmica de poder ilimitado. Mas, infelizmente, a Verdade não tem partida própria. A Verdade não consegue sair do ponto morto a menos que um apóstolo digno lhe dê um pequeno empurrão para vencer sua inércia. Sem esse impulso inicial, a Verdade permanecerá

imóvel e jamais chegará ao destino a que se propõe. Muitas vezes a Verdade morreu ainda no nascedouro por essa razão tão lógica. Sua ajuda, nesse sentido, terá grande valor.

Por outro lado, a Verdade muitas vezes foi completamente “apagada” pela repetição de inverdades contraditórias e conflitantes, repetidas vezes, vezes sem conta. A história recente do mundo fornece um testemunho sóbrio dos perigos para a civilização inerentes a essa técnica. Essa forma de traição à Verdade é uma traição contra a própria humanidade. O senhor deve ter muito cuidado, meu caro Dr. Goldstein, para não se tornar inadvertidamente um dos muitos cúmplices, antes ou depois do fato, que têm surgido no cenário dos assuntos públicos nos últimos anos.

Se essas supostas autoridades foram culpadas por ignorância ou indiferença é, aqui, secundário. Isso não é importante agora. Ou eram totalmente ignorantes dos fatos, ou conheciam os fatos, mas optaram por permanecer em silêncio a respeito por razões que a história não revelou. Uma situação semelhante existe hoje no que diz respeito à crise que confronta a fé cristã. Trata-se de um fator vital na luta atual pela sobrevivência ou pela eventual rendição da fé cristã aos seus inimigos. Os tempos em que vivemos parecem ser a “hora zero” para a fé cristã.

Como o senhor tem observado, nenhuma instituição em nossa sociedade moderna pode sobreviver por muito tempo se sua estrutura não for, desde o início, erguida sobre um fundamento de Verdade. A fé cristã foi primeiramente edificada sobre um fundamento muito sólido de Verdade por seu Fundador. Para sobreviver, deve permanecer assim. A deterioração, a desintegração e, por fim, a destruição da estrutura da fé cristã hoje serão aceleradas na proporção direta em que a deturpação e a distorção da Verdade se tornarem substitutas da própria Verdade. A Verdade é uma qualidade absoluta. A Verdade jamais pode ser relativa. Não pode haver graus de Verdade. A Verdade ou existe, ou não existe. Ser meio verdadeiro é tão inconcebível quanto ser meio honesto ou meio leal.

Como o senhor, sem dúvida, também aprendeu, meu caro Dr. Goldstein, ao tentar fazer uma “onça” de bem em uma direção, muitas pessoas bem-intencionadas acabam causando uma “tonelada” de mal em

outra direção. Todos nós aprendemos essa lição mais cedo ou mais tarde na vida. Hoje o senhor se encontra dedicando seus esforços incessantes e sua energia incansável à tarefa de trazer os chamados ou autodenominados “judeus” para a Igreja Católica Romana como convertidos. Isso deve lhe trazer à memória, muitas vezes, o dia em que, há tantos anos, o senhor mesmo abraçou o catolicismo como convertido. Mais força para o senhor, e a melhor das sortes. Que seus esforços sejam recompensados com grande êxito.

Sem que o senhor se dê conta disso, os métodos que emprega contribuem, em não pequena medida, para a diluição da devoção de incontáveis cristãos à sua fé cristã. Para cada “onça” do chamado bem que o senhor realiza ao converter os chamados ou autodenominados “judeus” à fé cristã, ao mesmo tempo causa uma “tonelada” de dano em outra direção, ao enfraquecer a devoção de inúmeros cristãos à sua fé. Essa conclusão ousada de minha parte é afirmada com a convicção firme e justa de que os fatos sustentarão minha alegação. Além disso, é fato bem conhecido que muitas conversões recentes “falsificadas” revelam que conversões frequentemente se mostraram nada mais do que “infiltrações” de traidores latentes com intenções traiçoeiras.

As atitudes que o senhor expressa hoje e sua atividade contínua nessa obra exigem uma possível revisão à luz dos fatos que lhe são apresentados nesta carta. Sua filosofia e sua teologia atuais sobre esse assunto merecem seriamente, sem qualquer demora, uma reconsideração de sua parte. O que o senhor diz ou escreve pode influenciar profundamente um “boom” ou um “colapso” da fé cristã em um futuro muito próximo, muito além da sua capacidade de avaliar com precisão sentado em sua elevada “torre de marfim branca”. Os cristãos acreditam implicitamente em tudo o que o senhor escreve. O mesmo ocorre com os chamados ou autodenominados “judeus” que o senhor busca converter. Essa influência que o senhor exerce pode tornar-se um perigo. Preciso chamar sua atenção para isso.

Sua reação aos fatos levados ao seu conhecimento nesta carta pode revelar-se um dos veredictos mais cruciais já proferidos no que diz respeito à segurança da fé cristã nos últimos séculos. Em consonância com essa

grande responsabilidade, recomendo-lhe sinceramente esta reflexão, esperando que o senhor estude atentamente o conteúdo desta carta, desde a primeira até a última palavra. Todos os que o conhecem estão na posição privilegiada de saber o quanto esse assunto lhe é caro. Pela fidelidade aos elevados ideais que o senhor tem observado ao longo dos muitos anos em que tem trabalhado tão valentemente em favor da fé cristã, conquistou a admiração de que desfruta. A fé cristã que o senhor escolheu por livre vontade, no vigor da vida, orgulha-se muito do senhor, e não apenas como convertido.

Independentemente do que qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer tempo, neste vasto mundo, possa dizer em contrário, os acontecimentos dos últimos anos por toda parte estabelecem, além de qualquer dúvida, que a fé cristã hoje se encontra com um pé na sepultura e o outro numa casca de banana — falando figuradamente, é claro. Só pensam o contrário aqueles que deliberadamente fecham os olhos à realidade ou que não querem enxergar nem mesmo com os olhos bem abertos. Creio que o senhor seja realista demais para se permitir a fútil tolice de enganar a si mesmo.

É claro que a fé cristã hoje se encontra numa encruzilhada de seu destino. A missão divina e sagrada da fé cristã está, no presente, em risco num grau jamais testemunhado em sua longa história de quase dois mil anos. A fé cristã precisa agora de amigos leais como nunca antes. De algum modo, sinto que sempre se pode contar com o senhor como um desses amigos leais. O senhor não pode simplificar em excesso a difícil situação atual da fé cristã. O problema que ela enfrenta é evidente demais para ser ignorado. Ela se encontra numa situação crítica.

Quando chegar o dia em que os cristãos já não puderem professar sua fé cristã como a professam hoje no mundo livre, a fé cristã terá visto o início de seus “últimos dias”. O que já se aplica a 50% da população total do mundo poderá em breve aplicar-se igualmente a 100% dela. Isso é altamente concebível, a julgar pelas tendências atuais. O caráter maligno dessa enfermidade é tão progressivo quanto o câncer. Certamente se mostrará igualmente fatal, a menos que sejam tomadas agora medidas para

reverter seu curso. O que está sendo feito neste momento para deter seu avanço ou inverter sua tendência?

Meu caro Dr. Goldstein, o senhor consegue recordar o nome do filósofo a quem se atribui a frase: “Nada neste mundo é permanente, exceto a mudança”? Essa filosofia deve ser aplicada também à fé cristã. A pergunta de 64 dólares permanece: a mudança será para melhor ou para pior? O problema é tão simples assim. Se a tendência atual continuar por mais 37 anos na mesma direção e no mesmo ritmo seguidos nos últimos 37 anos, a fé cristã, tal como é professada hoje pelos cristãos, terá desaparecido da face da terra. Sob que forma ou por que instrumento a missão de Jesus Cristo então continuará a manifestar-se aqui na terra é tão imprevisível quanto inevitável.

Na crise atual, não é nem lógico nem realista afastar cristãos do “redil” cristão em números relativamente grandes pelo duvidoso benefício de trazer um número comparativamente pequeno de chamados ou autodenominados “judeus” para o “redil” cristão.

É inútil tentar negar o fato de que, hoje, a fé cristã se encontra na defensiva em todo o mundo. Essa constatação faz vacilar a imaginação dos poucos cristãos que compreendem a situação. Esse estado da fé cristã existe apesar das magníficas contribuições que ela ofereceu ao progresso da humanidade e da civilização por quase dois mil anos. Não é minha intenção, nesta carta, expor os conspiradores que se dedicam à destruição da fé cristã, nem a natureza e a extensão da própria conspiração. Tal exposição encheria muitos volumes.

A história do mundo ao longo dos últimos séculos e os acontecimentos atuais, no país e no exterior, confirmam a existência de tal conspiração. A rede mundial de conspiradores diabólicos executa esse plano contra a fé cristã enquanto os cristãos parecem estar profundamente adormecidos. O clero cristão aparenta ser mais ignorante ou mais indiferente a essa conspiração do que outros cristãos. Parecem enterrar a cabeça nas areias da ignorância ou da indiferença, como o lendário avestruz. Essa ignorância ou indiferença por parte do clero cristão já

desferiu um golpe na fé cristã do qual talvez nunca se recupere plenamente, se é que se recuperará. É algo realmente triste.

Os cristãos merecem, nesta crise, ser abençoados com um Paul Revere espiritual que percorra a nação alertando-os de que seus inimigos estão avançando rapidamente contra eles. Meu caro Dr. Goldstein, o senhor se voluntariará para ser esse Paul Revere?

De igual importância a identificar com precisão os inimigos que travam guerra contra a fé cristã a partir de fora é a necessidade de descobrir as forças que atuam dentro da própria fé cristã e que a tornam tão vulnerável aos inimigos externos. Dedicar-se a essa fase específica do problema pode revelar-se de enorme valor para neutralizar as forças responsáveis por esse perigoso estado de coisas.

As almas de milhões de cristãos totalmente desconhecidos do senhor estão bastante inquietas com a situação da fé cristã hoje. As mentes de incontáveis milhares entre o clero cristão encontram-se perturbadas pela misteriosa “pressão” vinda de cima que os impede de exercer seu juízo equilibrado nessa situação. Se as forças manipuladas contra a fé cristã a partir de dentro puderem ser detidas, a fé cristã poderá manter-se de pé contra seus inimigos como o Rochedo de Gibraltar. A menos que isso seja feito em breve, a fé cristã parece destinada a desmoronar e, por fim, colapsar. Uma onça de prevenção é muito preferível a uma libra de remédio — o senhor pode estar certo disso nesta situação como em todas as outras.

Com todo o respeito devido ao clero cristão e com toda humildade, tenho um dever desagradável a cumprir. Desejo deixar registrado junto ao senhor que o clero cristão é o principal, se não o único, responsável pelas forças internas dentro da fé cristã que são prejudiciais aos seus melhores interesses. Essa conclusão de minha parte representa a soma total de todos os fatos em meu livro, que conduzem precisamente a isso. Se o senhor realmente deseja ser realista e construtivo, deve “manter-se firme na linha e deixar que as consequências sigam seu curso”. Essa é a única estratégia que pode salvar a fé cristã de um destino que ela não merece. O senhor não

pode mais tratar a verdade com rodeios simplesmente porque agora “a verdade dói” — alguém que o senhor conhece ou estima.

Nesta hora tardia, resta-nos muito pouco tempo para reparar nossas cercas, se assim posso dizer. Não estamos em posição de desperdiçar o tempo limitado de que dispomos. Ficar “rodeando o assunto” agora não nos levará absolutamente a lugar nenhum. Somente os corajosos resistirão à presente crise quando tudo estiver em jogo. Figuradamente — e possivelmente literalmente — haverá heróis vivos e covardes mortos quando a poeira deste combate secular baixar, e não heróis mortos e covardes vivos, como por vezes ocorre em outras circunstâncias. A fé cristã hoje permanece como a única “âncora a barlavento” contra a barbárie universal. Os inimigos dedicados da fé cristã já convenceram suficientemente o mundo, a esta altura, dos métodos selvagens que adotarão em seu programa para apagar a fé cristã da face da terra.

No início desta carta afirmei que, em minha humilde opinião, que a apatia do clero cristão poderia ser responsabilizada exclusivamente pela crescente diluição da devoção de incontáveis cristãos à fé cristã. Essa é a consequência natural da confusão criada pelo clero cristão na mente dos fiéis quanto a certos fundamentos da fé cristã. A culpa por essa confusão recai exclusivamente sobre a liderança cristã, e não sobre os cristãos em geral. A confusão gera dúvida. A dúvida gera perda de confiança. A perda de confiança gera perda de interesse. À medida que a confusão aumenta mais, e mais, e mais, a confiança diminui menos, e menos, e menos. O resultado é a completa perda de todo interesse. O senhor dificilmente pode discordar disso, meu caro Dr. Goldstein, pode?

A confusão na mente dos cristãos quanto aos fundamentos da fé cristã é injustificada e sem fundamento. Ela não precisaria existir. Não existiria se o clero cristão não auxiliasse nem favorecesse os enganos responsáveis por ela. O clero cristão pode ficar chocado ao saber que tem estado auxiliando e favorecendo os inimigos dedicados da fé cristã. Muitos membros do clero cristão são, de fato, aliados deles, embora talvez não o saibam. Essa fase da atual campanha mundial de sabotagem espiritual constitui o fator mais negativo na defesa da fé cristã.

Incontáveis cristãos, à margem dessa luta, veem sua fé cristã "murchando na videira" e quase madura o suficiente para "cair no colo" de seus inimigos dedicados. Nada podem fazer a respeito. Seu cálice se torna ainda mais amargo ao observarem essa ignorância e essa indiferença injustificadas por parte do clero cristão. Essa atitude apática do clero não oferece resistência alguma aos agressores da fé cristã. A retirada só pode levar à derrota. Para evitar a rendição aos seus inimigos dedicados, o clero cristão deve "dar meia-volta" imediatamente, se espera tornar-se vencedor na guerra ideológica invisível e intangível que agora está sendo travada de modo tão subversivo contra a fé cristã, bem debaixo de seus narizes. Quando irão despertar?

Se me fosse pedido que enumerasse nesta carta as muitas maneiras pelas quais o clero cristão vem confundindo o conceito cristão acerca dos fundamentos da fé cristã, seriam necessários volumes, e não páginas, para contar toda a história. A limitação de espaço me obriga aqui a restringir-me ao mínimo indispensável. Limitarei minhas considerações às razões mais importantes dessa confusão. A brevidade necessariamente limitará as referências citadas para sustentar os pontos apresentados nesta carta. Farei o possível, nas circunstâncias, para estabelecer a autenticidade dos fatos históricos incontestáveis que aqui levo ao seu conhecimento.

Em minha opinião, a razão mais importante está diretamente relacionada às suas atividades atuais. Sua responsabilidade por essa confusão não é diminuída por suas boas intenções. Como o senhor já ouviu tantas vezes, "o inferno está pavimentado de boas intenções". A confusão que seus artigos criam é multiplicada mil vezes pela ampla publicidade que recebem, em razão da elevada consideração pessoal de que o senhor goza entre editores e leitores em todo o país, cristãos e não cristãos. Seus artigos são constantemente republicados e citados de um extremo ao outro da nação.

A afirmação do clero cristão que mais confunde os cristãos é a repetição constante de que "Jesus era judeu". Esse também parece ser o seu tema favorito. Essa deturpação e distorção de um fato histórico incontestável é pronunciada pelo clero cristão ao menor pretexto. Eles a

repetem constantemente, também sem provocação alguma. Parecem estar “prontos no gatilho” para dizê-la. Nunca perdem uma oportunidade de fazê-lo. Cristãos informados e inteligentes não conseguem conciliar essa representação indevida e essa distorção de um fato histórico incontestável por parte do clero cristão com informações que agora conhecem em sentido contrário, provenientes de fontes que consideram igualmente confiáveis.

Isso representa hoje um sério problema para o clero cristão. Eles só podem livrar-se da situação em que se encontram recorrendo a “a verdade, toda a verdade e nada além da verdade”. Essa é a única fórmula pela qual o clero cristão poderá recuperar a confiança perdida dos fiéis. Como líderes espirituais eficazes, não podem exercer sua função sem essa confiança perdida. Deveriam fazer disso sua prioridade absoluta.

Meu caro Dr. Goldstein, o senhor é um teólogo de alta posição e um historiador de renome. Necessariamente, também deve concordar com outras autoridades destacadas quanto à questão de saber se “Jesus era judeu”. Essas autoridades de referência concordam hoje que não há fundamento factual para as implicações, inferências e insinuações decorrentes da crença incorreta de que “Jesus era judeu”. Fatos históricos incontestáveis e uma abundância de outras provas estabelecem, além de qualquer possibilidade de dúvida, a incredibilidade da afirmação tão frequentemente ouvida hoje de que “Jesus era judeu”.

Sem qualquer receio de contradição baseada em fatos, as autoridades mais competentes e qualificadas concordam hoje que Jesus Cristo não era um chamado ou autodenominado “judeu”. Confirmam, sim, que durante Sua vida Jesus era conhecido por Seus contemporâneos como “judeano”, e não como “judeu”, e que Ele próprio Se referia a Si mesmo como “judeano”, e não como “judeu”. Durante Sua vida aqui na terra, Jesus foi mencionado por historiadores contemporâneos como “judeano”, e não como “judeu”. Teólogos contemporâneos de Jesus, cuja competência para tratar desse assunto não pode ser contestada por ninguém hoje, também se referiam a Ele, durante Sua vida aqui na terra, como “judeano”, e não como “judeu”.

Inscritas na Cruz quando Jesus foi crucificado estavam as palavras latinas “Iesus Nazarenus Rex Iudeorum”, na língua materna de Pôncio Pilatos. Ninguém questionará o fato de que Pôncio Pilatos era plenamente capaz de expressar com exatidão suas próprias ideias em sua própria língua. As autoridades competentes para julgar a correta tradução para o inglês do latim “Iesus Nazarenus Rex Iudeorum” concordam que ela é “Jesus de Nazaré, Governante dos judeanos”. Não há divergência entre elas quanto a isso.

Durante Sua vida aqui na terra, Jesus não foi considerado por Pôncio Pilatos nem pelos judeanos entre os quais habitava como “Rei dos Judeus”. A inscrição na Cruz em que Jesus foi crucificado só passou a ser traduzida incorretamente para o inglês a partir do século XVIII. Pôncio Pilatos foi irônico e sarcástico ao ordenar que se inscrevessem na Cruz as palavras latinas “Iesus Nazarenus Rex Iudeorum”. Prestes a ser crucificado, com a aprovação de Pôncio Pilatos, Jesus estava sendo escarnecido por ele. Pôncio Pilatos sabia muito bem, naquela ocasião, que Jesus havia sido denunciado, desafiado e renegado pelos judeanos que, infelizmente, por fim, levaram à Sua Crucifixão, conforme relata a história.

Com exceção de Seus poucos seguidores naquela época na Judeia, todos os demais judeanos abominavam Jesus e detestavam Seus ensinamentos e aquilo que Ele representava. Esse fato deplorável não pode ser apagado da história pelo tempo. O próprio Pôncio Pilatos era o “governante” dos judeanos quando ordenou que fossem inscritas na Cruz, em latim, as palavras “Iesus Nazarenus Rex Iudeorum”, em inglês “Jesus, o Nazareno, Governante dos Judeanos”. No entanto, Pôncio Pilatos jamais se referiu a si mesmo como “governante” dos judeanos. A referência irônica e sarcástica de Pôncio Pilatos a Jesus como “Governante dos Judeanos” dificilmente pode ser aceita como um reconhecimento, por parte dele, de Jesus como tal. Isso é inconcebível sob qualquer interpretação.

Na época da Crucificação de Jesus, Pôncio Pilatos era o administrador da Judeia pelo Império Romano. Naquele período da história, o território do Império Romano incluía parte do Oriente Médio. Para ele, oficialmente ou pessoalmente, os habitantes da Judeia eram “judeanos” e não os

chamados “judeus”, como passaram a ser denominados a partir do século XVIII. No tempo de Pôncio Pilatos, não existia na Judeia nenhum grupo religioso, racial ou nacional conhecido como “judeus”, nem havia anteriormente qualquer grupo assim identificado em outra parte do mundo.

Pôncio Pilatos demonstrava pouco interesse, como administrador do Império Romano, oficial ou pessoalmente, pela ampla variedade de formas de culto religioso então praticadas na Judeia. Essas formas de culto iam desde o culto fálico e outras expressões de idolatria até a emergente filosofia espiritual de uma Divindade eterna, onipotente e invisível — o conceito nascente de Yahweh (Jeová), que teria precedido Abraão, figura bíblica, em aproximadamente dois mil anos. Como administrador do Império Romano na Judeia, era política oficial de Pôncio Pilatos não interferir nos assuntos espirituais da população local. Sua principal responsabilidade era a arrecadação de impostos a serem enviados a Roma, e não as formas de culto religioso praticadas pelos judeanos de quem esses impostos eram cobrados.

Como o senhor bem sabe, meu caro Dr. Goldstein, a palavra latina “rex” significa “governante” ou “líder” em inglês. Durante a vida de Jesus na Judeia, a palavra latina “rex” tinha apenas esse significado para os judeanos familiarizados com a língua latina.

A palavra “rex” deriva do verbo latino “rego, regere, rexi, rectus”, que significa “governar” ou “liderar”. O latim era, naturalmente, a língua oficial em todas as províncias administradas por um representante local do Império Romano. Esse fato explica a inscrição na Cruz em latim.

Com a invasão das Ilhas Britânicas pelos anglo-saxões, a língua inglesa passou a substituir o termo anglo-saxão “king” pelo equivalente latino “rex”, utilizado antes da invasão anglo-saxônica. A adoção de “king” em lugar de “rex”, nessa fase posterior da história britânica, não alterou retroativamente o significado do latim “rex” para os judeanos no tempo de Jesus. Para eles, “rex” significava apenas “governante” ou “líder”, como ainda significa em latim. O termo anglo-saxão “king”, embora inicialmente grafado de maneira diferente, sempre teve essencialmente o mesmo sentido de “rex” em latim: o “líder” de uma tribo.

Durante a vida de Jesus, era muito evidente para Pôncio Pilatos que Jesus era a última pessoa na Judeia que os judeanos escolheriam como seu "governante" ou "líder". Apesar dessa situação, Pôncio Pilatos não hesitou em ordenar a inscrição na Cruz: "Iesus Nazarenus Rex Iudeorum". Pela mais extrema imaginação, não é concebível que esse sarcasmo e essa ironia de Pôncio Pilatos, no momento da Crucificação, não tenham sido unicamente escárnio contra Jesus — e nada além de escárnio. Após essa referência a "Jesus, o Nazareno, Governante dos Judeanos", os judeanos procederam imediatamente à Crucificação de Jesus naquela mesma Cruz.

Em latim, na época da vida de Jesus, o nome da subdivisão política do Oriente Médio conhecida na história moderna como Palestina era "Iudaea". Ela era então administrada por Pôncio Pilatos como representante do Império Romano, do qual fazia parte. O equivalente em inglês de "Iudaea" é "Judea". "Judean" é o adjetivo inglês derivado do substantivo "Judea". A antiga população nativa dessa subdivisão do Oriente Médio, conhecida na história moderna como Palestina, era então chamada "Iudaeus" em latim e "Judean" em inglês. Esses termos identificavam a população indígena da Judeia no tempo de Jesus. Quem pode negar que Jesus foi membro da população indígena da Judeia durante a Sua vida?

E, naturalmente, o senhor sabe, meu caro Dr. Goldstein, que em latim o genitivo plural de "Iudaeus" é "Iudaeorum". A tradução inglesa do genitivo plural "Iudaeorum" é "dos judeanos". É completamente impossível dar qualquer outra tradução correta em inglês para "Iudaeorum" que não seja "dos judeanos". Teólogos e historiadores qualificados e competentes consideram incrível qualquer outra tradução para o inglês de "Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum" que não seja "Jesus, o Nazareno, Governante dos Judeanos". O senhor deve concordar que essa é a tradução literal.

No momento em que Pôncio Pilatos ordenava que fosse inscrito na Cruz "Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum", os líderes espirituais da Judeia protestavam junto a ele para que não escrevesse que Jesus era o governante dos judeanos, mas que registrasse, em vez disso, que Jesus "dissera que era

o governante dos judeanos". Os líderes espirituais da Judeia apresentaram fortes protestos a Pôncio Pilatos contra sua referência a Jesus como "Rex Iudaeorum", insistindo que ele não estava familiarizado com — ou havia compreendido mal — a posição de Jesus na Judeia. Esses protestos são matéria de registro histórico, como o senhor bem sabe.

Os líderes espirituais da Judeia protestaram em vão junto a Pôncio Pilatos. Insistiam que Jesus "dissera que era o governante dos judeanos", mas que Pôncio Pilatos "não deveria escrever que Jesus era o governante dos judeanos". Afinal, Pôncio Pilatos era um estrangeiro na Judeia e, segundo eles, não poderia compreender as situações locais tão bem quanto os próprios líderes espirituais. O intricado conjunto de correntes políticas, sociais e econômicas internas da Judeia interessava muito pouco a Pôncio Pilatos em sua função de administrador de Roma.

O Evangelho segundo João foi escrito originalmente em língua grega, segundo as melhores autoridades. No texto grego original não há equivalente para a forma inglesa segundo a qual Jesus "dissera que era o governante dos judeanos". A tradução inglesa do original grego do Evangelho segundo João, XIX, 19, é: "Não inscrevas 'o monarca (basileus) dos judeanos (Ioudaios)', mas que Ele mesmo disse: 'Eu sou monarca (basileus) dos judeanos (Ioudaios)'". "Ioudaia" é o termo grego correspondente ao latim "Iudaea", e "basileus" é o termo grego correspondente ao latim "rex". Os termos ingleses "ruler" ou, alternativamente, "leader" exprimem o sentido de "rex" em latim e de "basileus" em grego, tal como foram empregados no Evangelho de João em suas formas grega e latina.

Pôncio Pilatos "lavou as mãos" diante dos protestos dos líderes espirituais da Judeia, que exigiam que a inscrição na Cruz, redigida por ele, fosse corrigida da maneira que insistiam. Pôncio Pilatos respondeu com muita impaciência às suas exigências: "O que escrevi, escrevi." A inscrição na Cruz permaneceu como estava: "Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum", ou, em português, "Jesus, o Nazareno, Governante dos Judeanos".

As citações e palavras em latim mencionadas nesta carta são citações literais e correspondem exatamente às palavras que aparecem na tradução do século IV do Novo Testamento para o latim feita por São Jerônimo. Essa tradução é conhecida como Edição Vulgata do Novo Testamento. Foi a primeira tradução oficial do Novo Testamento para o latim realizada pela Igreja Cristã. Desde então, permaneceu como a versão oficial do Novo Testamento utilizada pela Igreja Católica. A tradução do Evangelho segundo João para o latim feita por São Jerônimo foi realizada a partir do grego, língua na qual o Evangelho de João foi originalmente escrito, segundo as melhores autoridades sobre o assunto.

A tradução para o português do Evangelho segundo João XIX, 19, a partir do texto original em grego, é a seguinte: “Pilatos escreveu um aviso e o fixou na Cruz, e a inscrição dizia: ‘Jesus, o Nazareno, o monarca dos judeanos’”. No manuscrito grego original, também há menção às exigências feitas a Pôncio Pilatos pelos líderes espirituais da Judeia para que ele alterasse a referência na Cruz a Jesus como “Governante dos Judeanos”. O texto grego do manuscrito original do Evangelho segundo João estabelece, sem qualquer dúvida, que os líderes espirituais da Judeia na época protestaram junto a Pôncio Pilatos, afirmando que Jesus “não era o governante dos judeanos”, mas apenas “dissera que era o governante dos judeanos”.

Não existe, na história ou na teologia atual, qualquer base factual para as implicações, inferências ou insinuações de que o grego “Ioudaios”, o latim “Iudaeus” ou o inglês “Judean” tenham alguma vez possuído uma conotação religiosa válida. Em suas respectivas línguas, essas três palavras indicavam apenas uma conotação estritamente topográfica ou geográfica. No sentido correto, essas três palavras eram usadas para identificar os membros da população nativa indígena da região geográfica conhecida como Judeia na época da vida de Jesus. Durante a vida de Jesus, não existia em Judeia, nem em qualquer outro lugar do mundo conhecido, nenhuma forma de culto religioso que tivesse um nome remotamente semelhante ao da subdivisão política do Império Romano, ou seja,

“judaísmo” derivado de “Judeia”. Nenhum culto ou seita existia com esse nome.

É um fato incontestável que a palavra “judeu” só passou a existir no ano de 1775. Antes de 1775, a palavra “judeu” não existia em nenhuma língua. A palavra “judeu” foi introduzida pela primeira vez no inglês no século XVIII, quando Sheridan a utilizou em sua peça *The Rivals*, II,i: “She shall have a skin like a mummy, and the beard of a Jew” (“Ela terá uma pele como uma múmia, e a barba de um judeu”). Antes desse uso da palavra “judeu” na língua inglesa por Sheridan em 1775, a palavra ainda não existia no inglês. Shakespeare nunca viu a palavra “judeu”, como se verá. Shakespeare nunca usou a palavra “judeu” em nenhuma de suas obras, apesar da crença comum em contrário. Em seu *O Mercador de Veneza*, V.III.i.61, Shakespeare escreveu o seguinte: “what is the reason? I am a Iewe; hath not a Iewe eyes?”

Na edição latina da Vulgata do Novo Testamento do século IV, de São Jerônimo, Jesus é referido pelo genitivo plural de “Iudaeus” no Evangelho segundo João, em referência à inscrição na Cruz — “Iudaeorum”. Foi no século IV que São Jerônimo traduziu para o latim os manuscritos do Novo Testamento a partir das línguas originais em que foram escritos. Essa tradução de São Jerônimo ainda é referida hoje como a Edição Vulgata pelas autoridades da Igreja Católica Romana, que a utilizam até os dias atuais.

Jesus é mencionado como “judeu” pela primeira vez no Novo Testamento no século XVIII. Jesus passa a ser chamado de “judeu” nas edições revisadas do século XVIII, em inglês, das primeiras traduções do Novo Testamento para o inglês feitas no século XIV. A história da origem da palavra “judeu” na língua inglesa não deixa dúvida de que o “judeu” do século XVIII é a forma inglesa contraída e corrompida do latim “Iudaeus” do século IV, presente na Edição Vulgata de São Jerônimo. Sobre isso não há mais dúvidas.

Os manuscritos disponíveis do século IV até o século XVIII traçam com precisão a origem e apresentam a história completa da palavra “judeu” na língua inglesa. Nesses manuscritos encontram-se todos os

muitos equivalentes ingleses anteriores, ao longo dos 14 séculos entre o século IV e o século XVIII. Do latim “Iudaeus” até o inglês “Jew”, essas formas inglesas incluíam sucessivamente: “Gyu”, “Giu”, “Iu”, “Iuu”, “Iuw”, “Ieuu”, “Ieuy”, “Iwe”, “Iow”, “Iewe”, “leue”, “Iue”, “Ive”, “lew” e, finalmente, no século XVIII, “Jew”. Os muitos equivalentes ingleses anteriores para “Jews” ao longo dos 14 séculos foram: “Giwis”, “Giws”, “Gyues”, “Gywes”, “Giwes”, “Geus”, “Iuys”, “Iows”, “Iouis”, “Iews” e, finalmente, também no século XVIII, “Jews”.

Com a rápida expansão do uso, na Inglaterra do século XVIII, das gráficas muito aprimoradas, quantidades ilimitadas do Novo Testamento foram impressas pela primeira vez na história. Essas edições revisadas do século XVIII das primeiras traduções do século XIV para a língua inglesa foram então amplamente distribuídas por toda a Inglaterra e pelo mundo de língua inglesa, entre famílias que jamais haviam possuído uma cópia do Novo Testamento em qualquer idioma. Nessas edições revisadas do século XVIII, a palavra “judeu” apareceu pela primeira vez em qualquer tradução para o inglês. O uso da palavra “judeu”, conforme empregado nas edições do século XVIII, continuou desde então em todas as edições do Novo Testamento na língua inglesa. Dessa forma, o uso da palavra “judeu” foi consolidado.

Como você sabe, meu caro Dr. Goldstein, as edições em inglês do Novo Testamento mais conhecidas do século XVIII são a Edição Rheims (Douai) e a Edição Autorizada King James. A tradução Rheims (Douai) do Novo Testamento para o inglês foi impressa pela primeira vez em 1582, mas a palavra “judeu” não apareceu nela. A tradução Autorizada King James do Novo Testamento para o inglês teve início em 1604 e foi publicada pela primeira vez em 1611. A palavra “judeu” também não apareceu nessa edição. A palavra “judeu” surgiu em ambas essas edições bem conhecidas apenas em suas versões revisadas do século XVIII, pela primeira vez.

Incontáveis cópias das edições revisadas do século XVIII das traduções do Novo Testamento para o inglês, Rheims (Douai) e King James, foram distribuídas ao clero e aos leigos em todo o mundo de língua

inglesa. Eles não conheciam a história da origem da palavra inglesa “judeu”, nem se interessavam por isso. Aceitaram a palavra inglesa “judeu” como a única forma reconhecida do latim “Iudaeus” e do grego “Ioudaios”. Como poderiam ser esperados a saber de outra forma? A resposta é: não podiam, e não sabiam. Era uma palavra nova em inglês para eles.

Quando você estudou latim nos seus dias de escola, aprendeu que a letra “I” em latim, quando usada como primeira letra de uma palavra, é pronunciada como a letra “Y” em inglês no início de palavras como “yes”, “youth” e “yacht”. O “I” em “Iudaeus” é pronunciado como o “Y” em “yes”, “youth” e “yacht” em inglês. Em todas as formas do século IV ao século XVIII que deram origem à palavra inglesa “judeu” no século XVIII, a letra “I” era pronunciada como o “Y” inglês em “yes”, “youth” e “yacht”. O mesmo vale para o “Gi” ou “Gy”, quando usados no lugar da letra “I”.

A pronúncia atual da palavra “judeu” no inglês moderno é um desenvolvimento recente. Na língua inglesa de hoje, o “J” em “Jew” é pronunciado como o “J” em inglês de “justice”, “jolly” e “jump”. Isso só assou a ocorrer a partir do século XVIII. Antes do século XVIII, o “J” em “Jew” era pronunciado exatamente como o “Y” em inglês de “yes”, “youth” e “yacht”. Até o século XVIII e talvez até depois desse século, a palavra “Jew” em inglês era pronunciada como o inglês “you” ou “hew”, e a palavra “Jews” como “youse” ou “hews”. A pronúncia moderna de “Jew” no inglês surgiu apenas depois do século XVIII.

A língua alemã ainda preserva a pronúncia original do latim. O alemão “Jude” é o equivalente de “Jew” em inglês. O “J” em “Jude” é pronunciado exatamente como o “Y” em inglês nas palavras “yes”, “youth” e “yacht”. O “J” alemão equivale ao “I” latino, e ambos são pronunciados exatamente como o “Y” em inglês nas palavras “yes”, “youth” e “yacht”. O alemão “Jude” corresponde virtualmente à primeira sílaba do latim “Iudaeus” e é pronunciado exatamente da mesma forma. O alemão “Jude” é a forma alemã contraída e corrompida do latim “Iudaeus”, assim como o inglês “Jew” é a forma contraída e corrompida do latim

“Iudaeus”. O “J” alemão é sempre pronunciado como o “Y” em inglês nas palavras “yes”, “youth” e “yacht” quando é a primeira letra de uma palavra. A pronúncia do “J” em “Jude” não é exceção à pronúncia do “J” em alemão.

A língua inglesa, como você já sabe, meu caro Dr. Goldstein, é composta em grande parte por palavras adotadas de idiomas estrangeiros. Após serem incorporadas ao inglês, essas palavras estrangeiras eram então adaptadas por meio da contração da grafia e da alteração da pronúncia original, tornando-as mais fáceis de pronunciar a partir da grafia inglesa. Esse processo de primeiro adotar palavras estrangeiras e depois adaptá-las, contraindo a grafia e corrompendo a pronúncia, resultou em novas palavras na língua inglesa, como “cab”, do francês “cabriolet”, e muitas outras milhares de palavras de forma semelhante a partir de suas grafias originais estrangeiras. Centenas de outros exemplos devem vir à sua mente.

Por meio desse processo de adoção e adaptação, o latim “Iudacus” e o grego “Ioudaios” finalmente deram origem, no século XVIII, à palavra “Jew” na língua inglesa. Os povos de língua inglesa passaram 14 séculos tentando criar um equivalente inglês para o latim “Iudaeus” e o grego “Ioudaios” que pudesse ser facilmente pronunciado em inglês a partir da grafia inglesa. O inglês “Jew” foi a forma contraída e corrompida do latim “Iudaeus” e do grego “Ioudaios” resultante do século XVIII. A palavra inglesa “Jew” pode ser facilmente pronunciada em inglês a partir de sua grafia. O latim “Iudaeus” e o grego “Ioudaios” não podiam ser tão facilmente pronunciados em inglês a partir de sua grafia original. Foi necessário criar uma nova palavra.

A versão mais antiga do Novo Testamento em inglês a partir da Edição Vulgata em latim é a Edição Wyclif, ou Wickliffe, publicada em 1380. Nessa edição, Jesus é mencionado como um dos “iewes”. Essa era a forma em inglês do século XIV para o latim “Iudaeus” e era pronunciada “hew-weeze” no plural e “iewe”, pronunciado “hew-wee”, no singular. Na Edição Wyclif de 1380 em inglês, o Evangelho de João, XIX,19, diz: “Ihesus of nazareth kyng of the iewes”. Antes do século XIV, a língua

inglesa havia adotado o termo anglo-saxão “kyng”, juntamente com muitas outras palavras anglo-saxãs, em lugar do latim “rex” e do grego “basileus”. O termo anglo-saxão também significava “líder tribal”.

Na Edição Tyndale do Novo Testamento em inglês, publicada em 1525, Jesus também foi descrito como um dos “Iewes”. Na Edição Coverdale, publicada em 1535, Jesus igualmente foi descrito como um dos “Iewes”. Nessa edição, o Evangelho de João, XIX,19, diz: “Iesus the Nazareth, kynge of the Iewes”. Na Edição Cranmer, publicada em 1539, Jesus novamente foi descrito como um dos “Iewes”. Na Edição Genebra, publicada entre 1540 e 1557, Jesus também foi descrito como um dos “Iewes”. Na Edição Rheims, publicada em 1582, Jesus foi descrito como um dos “Ievves”. Na Edição King James, publicada entre 1604 e 1611, também conhecida como Versão Autorizada, Jesus foi novamente descrito como um dos “Iewes”. Foram utilizadas as formas do latim “Iudaeus” que estavam em uso na época em que essas traduções foram feitas.

A tradução para o português do Evangelho de João, XIX,19, a partir do grego em que foi originalmente escrito, diz: “Não inscrevas ‘o monarca dos judeanos’, mas que Ele mesmo disse ‘Eu sou monarca’”. No manuscrito grego original, o grego “basileus” aparece como “monarca” na tradução, e o grego “Ioudaios” aparece como “judeanos” na tradução. “Ioudaia” em grego é “Judeia” em português. “Ioudaios” em grego é “judeanos” em português. Não há motivo para qualquer confusão.

Meu caro Dr. Goldstein, se o entendimento geralmente aceito hoje para os termos em inglês “Jew” e “Judean” transmitisse as mesmas implicações, inferências e insinuações que ambos corretamente deveriam, não faria diferença qual dessas duas palavras fosse usada ao se referir a Jesus no Novo Testamento ou em qualquer outro lugar. Mas as implicações, inferências e insinuações transmitidas hoje por essas duas palavras são tão diferentes quanto o preto é do branco. A palavra “Jew” hoje nunca é considerada sinônimo de “Judean”, assim como “Judean” não é considerado sinônimo de “Jew”.

Como expliquei, quando a palavra “Jew” foi introduzida pela primeira vez na língua inglesa, no século XVIII, sua única implicação,

inferência e insinuação era “Judean”. No entanto, durante os séculos XVIII, XIX e XX, um “grupo de pressão” internacional bem organizado e bem financiado criou um chamado “significado secundário” para a palavra “Jew” entre os povos de língua inglesa em todo o mundo. Esse chamado “significado secundário” para a palavra “Jew” não tem nenhuma relação com a conotação original do século XVIII da palavra “Jew”. Trata-se de uma deturpação.

O “significado secundário” da palavra “Jew” hoje tem tão pouca relação com seu significado original e correto quanto o “significado secundário” da palavra “camel” tem com o significado original e correto de “camel”, ou o “significado secundário” da palavra “ivory” tem com o significado original e correto de “ivory”. O “significado secundário” de “camel” hoje é um cigarro com esse nome, mas seu significado original e correto é o animal do deserto com esse nome antigo. O “significado secundário” da palavra “ivory” hoje é um pedaço de sabão, mas seu significado original e correto é a presa de um elefante macho.

O “significado secundário” das palavras frequentemente se torna o significado geralmente aceito de palavras que antes tinham significados inteiramente diferentes. Isso só é possível mediante o gasto de grandes quantias de dinheiro em publicidade bem planejada. Hoje, se você pedir um “camel”, alguém lhe dará um cigarro com esse nome. Hoje, se você pedir um pedaço de “ivory”, alguém lhe dará um pedaço de sabão com esse nome. Você jamais receberá um animal do deserto ou uma presa de elefante macho. Isso deve ilustrar até que ponto esses “significados secundários” podem praticamente eclipsar os significados originais e corretos das palavras na mente do público em geral. O “significado secundário” da palavra “Jew” hoje praticamente eclipsou totalmente o significado original e correto da palavra “Jew” quando ela foi introduzida na língua inglesa. Esse fenômeno não é incomum.

A Suprema Corte dos Estados Unidos reconheceu o “significado secundário” das palavras. O mais alto tribunal do país estabeleceu como princípio legal que os “significados secundários” podem adquirir direitos prioritários sobre o uso de qualquer palavra de dicionário. Publicidade

mundial bem planejada e bem financiada, por meio de todos os meios de comunicação disponíveis, realizada por grupos bem organizados de chamados ou autodenominados “judeus” ao longo de três séculos, criou um “significado secundário” para a palavra “Jew” que apagou completamente o significado original e correto da palavra “Jew”. Não há dúvida sobre isso.

Hoje não há uma única pessoa em todo o mundo de língua inglesa que considere um “Jew” como um “Judean” no sentido literal da palavra. Esse era o significado correto e único no século XVIII. O “significado secundário” geralmente aceito da palavra “Jew” hoje, com praticamente nenhuma exceção, composto por quatro teorias quase universalmente acreditadas. Essas quatro teorias afirmam que um chamado ou autodenominado “judeu” é: (1) uma pessoa que hoje professa a forma de culto religioso conhecida como “judaísmo”; (2) uma pessoa que afirma pertencer a um grupo racial associado aos antigos semitas; (3) uma pessoa descendente direta de uma antiga nação que floresceu na Palestina na história bíblica; (4) uma pessoa dotada por design divino intencional de certas características culturais superiores negadas a outros grupos raciais, religiosos ou nacionais, tudo reunido em um só.

O “significado secundário” geralmente aceito da palavra “Jew” é, fundamentalmente, responsável pela confusão na mente dos cristãos em relação aos princípios elementares da fé cristã. Ele também é hoje, em grande medida, responsável pelo enfraquecimento da devoção de inúmeros cristãos à sua fé. As implicações, inferências e insinuações da palavra “Jew” hoje, para a grande maioria dos cristãos inteligentes e bem informados, são contraditórias e completamente incompatíveis com fatos históricos incontestáveis. Os cristãos que não podem mais ser enganados passam a desconfiar do clero cristão, que continua a repetir, repetir e repetir ad nauseam seu tema favorito: “Jesus era um judeu”. Isso realmente se aproxima de uma psicose.

Inúmeros cristãos hoje sabem que sofreram uma “lavagem cerebral” por parte do clero cristão quanto ao tema “Jesus era um judeu”. O ressentimento que sentem ainda não é percebido pelo clero. Os cristãos

agora exigem do clero “a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade”. Já é tempo do clero cristão dizer aos cristãos aquilo que deveria ter dito há muito tempo. Entre todos os grupos religiosos do mundo, os cristãos parecem ser os menos informados sobre o assunto. Terão seus líderes espirituais sido imprudentes com a verdade?

Inúmeros cristãos inteligentes e bem informados já não aceitam, sem questionamento, as afirmações do clero cristão de que Jesus, em vida, foi membro de um grupo na Judeia que praticava uma forma de culto religioso então existente e que hoje é chamada de “judaísmo”, ou que Jesus, durante Sua vida aqui na terra, foi membro do grupo racial que hoje inclui a grande maioria dos chamados ou autodenominados “judeus” no mundo, ou ainda que os chamados ou autodenominados “judeus” espalhados pelo mundo atualmente sejam descendentes diretos da nação da Judeia da qual Jesus foi em Sua vida terrena, ou que as características culturais dos chamados ou autodenominados “judeus” de hoje correspondam às características culturais de Jesus durante Sua vida e Seus ensinamentos enquanto esteve aqui por breve tempo. Os cristãos já não estão dispostos a acreditar que a raça, a religião, a nacionalidade e a cultura de Jesus e a raça, a religião, a nacionalidade e a cultura dos chamados ou autodenominados “judeus” de hoje — ou de seus antepassados — tenham uma origem ou caráter comum.

O ressentimento dos cristãos é mais preocupante do que o clero cristão imagina. Nas condições atuais, o clero poderá descobrir que a ignorância não é bênção, nem a sabedoria é loucura. Cristãos em toda parte hoje buscam compreender a relação autêntica entre os chamados ou autodenominados “judeus” espalhados pelo mundo atualmente e os “Judeans” que povoavam “Judea” antes, durante e depois do tempo de Jesus. Os cristãos agora exigem que o clero lhes explique corretamente o pano de fundo racial, religioso, nacional e cultural dos chamados ou autodenominados “judeus” no mundo de hoje, bem como a base para associar esses antecedentes ao contexto racial, religioso, nacional e cultural de Jesus durante Sua vida na Judeia. O cristão inteligente e bem informado está atento ao que considera um mito já desacreditado — o de que os chamados ou autodenominados “judeus” de hoje sejam

descendentes diretos dos “Judeans” entre os quais Jesus viveu durante Sua vida terrena.

Os cristãos hoje também estão se tornando cada vez mais atentos, dia após dia, ao motivo pelo qual os chamados ou autodenominados “judeus” ao redor do mundo, durante três séculos, teriam gasto somas incalculáveis de dinheiro para fabricar a ideia de que os “Judeans” no tempo de Jesus eram “Jews” em vez de “Judeans”, e de que “Jesus era um judeu”. Os cristãos estão se tornando cada vez mais conscientes, dia após dia, das supostas vantagens econômicas e políticas que teriam sido obtidas pelos chamados ou autodenominados “judeus” como resultado direto de seu êxito em fazer os cristãos acreditarem que “Jesus era um judeu” no “significado secundário” que, segundo essa perspectiva, foi atribuído à palavra “Jew” no século XVIII. Os chamados ou autodenominados “judeus” espalhados pelo mundo hoje apresentam-se aos cristãos como “judeus” apenas no “significado secundário” da palavra “Jew”. Dessa forma, procuram provar seu parentesco com Jesus. Enfatizam constantemente essa narrativa perante os cristãos. No entanto, essa ideia estaria rapidamente perdendo força e deixando de exercer o antigo domínio sobre a imaginação dos cristãos.

Afirmar que “Jesus era um judeu” no sentido de que, durante Sua vida, Jesus professou e praticou a forma de culto religioso hoje conhecida pelo nome moderno de “judaísmo” é, segundo essa perspectiva, falso e uma ficção de natureza profundamente ofensiva. Se, para ser um chamado ou autodenominado “judeu” naquela época — ou agora — fosse requisito a prática do “judaísmo”, então Jesus certamente não teria sido um chamado “judeu”. Sustenta-se ainda que Jesus teria condenado e denunciado a forma de culto religioso praticada na Judeia em Seu tempo, a qual hoje seria conhecida e praticada sob o nome de “judaísmo”. Essa corrente religiosa, afirma-se, era então conhecida como “farisaísmo”. Argumenta-se também que o clero cristão aprendeu isso em seus anos de formação teológica, mas nunca teria feito esforço para tornar tal distinção clara aos fiéis.

O eminente rabino Louis Finkelstein, dirigente do Jewish Theological Seminary of America — frequentemente referido como “o Vaticano do judaísmo” —, em seu prefácio à primeira edição de sua obra clássica mundialmente conhecida The Pharisees: The Sociological Background of Their Faith, na página XXI, declara:

“…O judaísmo… o farisaísmo tornou-se talmudismo, o talmudismo tornou-se rabinismo medieval, e o rabinismo medieval tornou-se rabinismo moderno. Mas, ao longo dessas mudanças de nome… o espírito dos antigos fariseus sobrevive, inalterado… Da Palestina à Babilônia; da Babilônia ao Norte da África, Itália, Espanha, França e Alemanha; destes para a Polônia, Rússia e a Europa Oriental em geral, o antigo farisaísmo peregrinou… demonstrando a importância duradoura que se atribui ao farisaísmo como movimento religioso…”

O celebrado rabino Louis Finkelstein, em sua obra clássica já citada The Pharisees: The Sociological Background of Their Faith, traça a origem da forma de culto religioso hoje praticada sob o nome de “judaísmo” até sua origem como “farisaísmo” na Judeia no tempo de Jesus. O rabino Finkelstein confirma, segundo essa linha de argumentação, o que o eminente rabino Adolph Moses declara em sua obra Yahvism and Other Discourses, publicada em 1903 pela National Council of Jewish Women (seção de Louisville), em colaboração com o rabino H. G. Enelow, na qual, na página 1, afirma:

“Entre as inúmeras desventuras que ocorreram… a mais fatal em suas consequências é o nome judaísmo… Pior ainda, os próprios judeus, que gradualmente passaram a chamar sua religião de judaísmo… No entanto, nem nos tempos bíblicos nem pós-bíblicos, nem nos tempos talmúdicos, nem muito mais tarde, o termo judaísmo é sequer ouvido… A Bíblia fala da religião… como ‘Torah Yahve’, a instrução, ou a lei moral revelada por Yahve… em outros lugares… como ‘Yirath Yahve’, o temor e reverência a Yahve. Essas e outras designações **CONTINUARAM POR MUITOS SÉCULOS A REPRESENTAR A RELIGIÃO**… Para distingui-la do cristianismo e do islamismo, os filósofos judeus às vezes a designam como a fé ou crença dos judeus… ***FOI FLÁVIO JOSEFO, ESCREVENDO***

PARA A INSTRUÇÃO DE GREGOS E ROMANOS, QUEM CUNHOU O TERMO 'JUDAÍSMO', a fim de contrapô-lo ao helenismo… por helenismo entendia-se a civilização, abrangendo língua, poesia, religião, arte, ciência, costumes, instituições, que… havia se espalhado da Grécia, sua pátria original, por vastas regiões da Europa, Ásia e África… Os cristãos prontamente adotaram o nome… os próprios judeus, que intensamente detestavam o traidor Josefo, abstiveram-se de ler suas obras… **ASSIM, O TERMO 'JUDAÍSMO', CUNHADO POR JOSEFO, PERMANECEU ABSOLUTAMENTE DESCONHECIDO PARA ELES… FOI APENAS EM TEMPOS RELATIVAMENTE RECENTES, DEPOIS QUE OS JUDEUS SE TORNARAM FAMILIARES COM A LITERATURA CRISTÃ MODERNA, QUE COMEÇARAM A CHAMAR SUA RELIGIÃO DE JUDAÍSMO**." (ênfase acrescentada).

Essa declaração dos dois rabinos citados é apresentada como prova conclusiva de que o chamado "judaísmo" não era o nome de nenhuma forma de culto religioso praticada na Judeia no tempo de Jesus. O Flavius Josephus mencionado na citação viveu no século I e teria sido quem cunhou o termo "judaísmo" nesse período, com o propósito explicitado. Segundo essa linha de argumentação — apoiando-se na obra de Louis Finkelstein, então dirigente do Jewish Theological Seminary of America — a forma de culto religioso hoje conhecida como "judaísmo", praticada por chamados ou autodenominados "judeus" ao redor do mundo, era conhecida e praticada na Judeia no tempo de Jesus sob o nome de "farisaísmo", posição que o texto afirma ser sustentada por autoridades reconhecidas no assunto.

A forma de culto religioso conhecida como "farisaísmo" na Judeia no tempo de Jesus era uma prática religiosa baseada exclusivamente no Talmude. O Talmude, no tempo de Jesus, era a Magna Carta, a Declaração de Independência, a Constituição e a Carta de Direitos, **TUDO REUNIDO EM UM SÓ**, daqueles que praticavam o "farisaísmo". O Talmude hoje ocupa a mesma posição relativa com respeito àqueles que professam o "judaísmo". O Talmude hoje virtualmente exerce uma ditadura totalitária

sobre a vida dos chamados ou autodenominados “judeus”, estejam eles conscientes desse fato ou não. Seus líderes espirituais não fazem qualquer esforço para ocultar o controle que exercem sobre a vida dos chamados ou autodenominados “judeus”. Eles estendem sua autoridade muito além dos limites legítimos das questões espirituais. Sua autoridade não encontra paralelo fora da religião.

O papel que o Talmude desempenha no “judaísmo”, tal como é praticado hoje, é oficialmente declarado pelo eminente rabino Morris N. Kertzer, Diretor de Atividades Inter-religiosas do American Jewish Committee na América do Norte e Presidente da Jewish Chaplains Association of the Armed Forces of the United States. Em sua função de porta-voz oficial do American Jewish Committee, autodenominado “Vaticano do judaísmo”, o rabino Morris N. Kertzer escreveu um artigo revelador e abrangente intitulado “What Is a Jew”, publicado como matéria de destaque na revista Look na edição de 17 de junho de 1952. Nesse artigo, o rabino Morris N. Kertzer avaliou o significado do Talmude para o “judaísmo” nos dias atuais. Nesse esclarecedor tratado sobre esse importante tema, pelo que se apresenta como a autoridade mais qualificada à época, o rabino Morris N. Kertzer declarou:

“O Talmude consiste em 63 livros de escritos legais, éticos e históricos dos antigos rabinos. Foi editado cinco séculos após o nascimento de Jesus. É um compêndio de lei e tradição. **É O CÓDIGO LEGAL QUE FORMA A BASE DA LEI RELIGIOSA JUDAICA E É O LIVRO-TEXTO UTILIZADO NA FORMAÇÃO DE RABINOS**.” (ênfase acrescentada).

À luz dessa avaliação oficial da importância do Talmude na prática do “judaísmo” hoje, feita pelo mais alto órgão dos chamados ou autodenominados “judeus” no mundo, é muito necessário neste momento, meu caro Dr. Goldstein, examinar um pouco mais a fundo o assunto do Talmude. Em vida, o eminente Michael Rodkinson, nome adotado por um chamado ou autodenominado “judeu” que foi uma das maiores autoridades mundiais no Talmude, escreveu History of the Talmud. Esse grande clássico sobre o tema foi escrito por Michael Rodkinson em colaboração

com o celebrado rabino Isaac M. Wise. Em sua obra “History of the Talmud”, Michael Rodkinson, na página 70, declara:

“Está ainda em existência no mundo a literatura com a qual Jesus estava familiarizado em seus primeiros anos? É possível que tenhamos acesso a ela? Podemos nós mesmos examinar as ideias, as declarações, os modos de raciocínio e de pensamento, **SOBRE ASSUNTOS MORAIS E RELIGIOSOS**, que estavam em circulação em seu tempo e **DEVEM TER SIDO POR ELE DESENVOLVIDOS DURANTE AQUELES TRINTA ANOS SILENCIOSOS EM QUE REFLETIA SOBRE SUA FUTURA MISSÃO***?* A tais indagadores, a classe erudita dos rabinos judeus *RESPONDE ERGUENDO O TALMUDE*. Aqui, dizem eles, está A **FONTE DE ONDE JESUS DE NAZARÉ RETIROU OS ENSINAMENTOS QUE O CAPACITARAM A REVOLUCIONAR O MUNDO**; e a questão torna-se, portanto, interessante PARA TODO CRISTÃO. O que é o Talmude? **O TALMUDE, ENTÃO, É A FORMA ESCRITA DAQUILO QUE, NO TEMPO DE JESUS, ERA CHAMADO DE TRADIÇÃO DOS ANCIÃOS E À QUAL ELE FAZ FREQUENTES ALUSÕES**. Que tipo de livro é esse? (ênfase acrescentada)

Estimulado por esse convite, todo cristão digno do nome deveria imediatamente dar-se ao trabalho de buscar a resposta a essa “interessante” questão “para todo cristão”. Meu caro Dr. Goldstein, seus artigos não indicam se o senhor dedicou tempo e esforço para investigar pessoalmente “que tipo de livro” é o Talmude, seja antes ou depois de sua conversão ao catolicismo. O senhor alguma vez o fez? Se o senhor o fez, a que conclusão chegou a respeito de “que tipo de livro” é o Talmude? Qual é a sua opinião pessoal, imparcial e isenta de preconceitos, sobre o Talmude? Ela é compatível com suas atuais convicções como devoto católico romano e cristão provado e fiel? Pode o senhor dispor de alguns momentos para me enviar algumas linhas sobre suas atuais opiniões?

Caso o senhor nunca tenha tido a oportunidade de examinar o conteúdo dos “63 livros” do Talmude, tão bem resumidos pelo rabino Morris N. Kertzer em seu esclarecedor artigo “What Is a Jew”,

anteriormente citado, permita-me aqui tomar um pouco de seu precioso tempo para lhe apresentar algumas passagens, até que o senhor encontre ocasião conveniente para investigar pessoalmente o conteúdo do Talmude. Se eu puder ser de alguma ajuda nesse sentido, por favor não hesite em me informar de que maneira posso lhe prestar auxílio.

Desde o nascimento de Jesus até os dias de hoje jamais foram registradas blasfêmias mais vis e perversas contra Jesus, ou contra os cristãos e a fé cristã, por quem quer que fosse, em qualquer lugar ou tempo, do que aquelas que se encontram entre as capas dos infames “63 livros” que são “o código legal que forma a base da lei religiosa judaica”, bem como o “livro-texto utilizado na formação de rabinos”. O caráter explicitamente e implicitamente irreligioso e as implicações do conteúdo do Talmude abrirão seus olhos como jamais foram abertos antes. O Talmude injuria Jesus, os cristãos e a fé cristã como o inestimável patrimônio espiritual e cultural dos cristãos jamais foi injuriado antes ou depois de o Talmude ter sido concluído no século V. O senhor terá de me desculpar pela linguagem suja, obscena, indecente, lasciva e vil que verá aqui, pois se trata de citações literais da tradução oficial e integral do Talmude para o inglês. Prepare-se para uma surpresa.

No ano de 1935, a hierarquia internacional dos chamados ou autodenominados “judeus” publicou, pela primeira vez na história, uma tradução oficial e integral do Talmude completo para a língua inglesa, com notas de rodapé completas. O que os levou a fazer essa tradução para o inglês é um dos mistérios não resolvidos. Provavelmente foi feita porque muitos chamados ou autodenominados “judeus” da geração mais jovem eram incapazes de ler o Talmude nas várias línguas antigas nas quais os “63 livros” originais do Talmude foram primeiramente compostos por seus autores em muitos países, entre 200 a.C. e 500 d.C.

A hierarquia internacional dos chamados ou autodenominados “judeus” selecionou os mais eruditos estudiosos para realizar essa tradução oficial do Talmude para o inglês. Esses renomados estudiosos também prepararam notas de rodapé oficiais explicativas na tradução integral do Talmude para o inglês, onde se fez necessário. Essa tradução oficial e

integral do Talmude para o inglês, com as notas de rodapé oficiais, foi impressa em Londres, em 1935, pela Soncino Press. Ela sempre foi conhecida como a Edição Soncino do Talmude. Foi impresso um número muito limitado da Edição Soncino. Não foi disponibilizada a qualquer comprador. A Edição Soncino do Talmude pode ser encontrada na Library of Congress e na New York Public Library. Um conjunto da Edição Soncino do Talmude esteve à minha disposição por muitos anos. Já se tornaram, a esta altura, raros "itens de colecionador".

A Edição Soncino do Talmude, com suas notas de rodapé, é como uma espada de dois gumes. Ela ensina o Talmude a incontáveis milhões da geração mais jovem de chamados ou autodenominados "judeus", que não são capazes de ler o Talmude nas várias línguas antigas nas quais foi escrito por seus autores entre 200 a.C. e 500 d.C. Ela também ensina aos cristãos o que o Talmude tem a dizer sobre Jesus, sobre os cristãos e sobre a fé cristã. Um dia isso está destinado a se voltar contra eles. Os cristãos algum dia contestarão a afirmação de que o Talmude é o "tipo de livro" do qual Jesus supostamente "retirou os ensinamentos que o capacitaram a revolucionar o mundo" em "assuntos morais e religiosos". O estrondo já começa a ser ouvido em alguns lugares.

Citações literais da Edição Soncino do Talmude são necessárias para ilustrar a enormidade da iniquidade do Talmude. Meus comentários, mesmo acompanhados de citações literais, serão insuficientes para fazê-lo. Apesar da linguagem vulgar que, por necessidade, incluirei nesta carta ao senhor, não tenho escrúpulos a esse respeito, pois as autoridades do Serviço Postal dos Estados Unidos não proíbem a circulação da Edição Soncino do Talmude pelo correio. Ainda assim, peço desculpas antecipadamente pela linguagem que, por necessidade, aparecerá nesta carta ao senhor. O senhor agora compreende.

A Edição Soncino oficial e integral do Talmude, publicada em 1935, foi "traduzida para o inglês com notas, glossário e índices" por eminentes estudiosos talmúdicos como o rabino Dr. Isidore Epstein, o rabino Dr. Samuel Daiches, o rabino Dr. Israel W. Slotki, M.A., Litt.D., o reverendo Dr. Abraham Cohen, M.A., Ph.D., Maurice Simon, M.A., e o

Reverendíssimo Rabino-Chefe Dr. J.H. Hertz escreveu o ‘Prefácio’ para a Edição Soncino do Talmude. O Reverendíssimo Rabino-Chefe Dr. J.H. Hertz era, na época, o Rabino-Chefe da Inglaterra.

As seguintes são apenas algumas das muitas citações semelhantes, com notas de rodapé, extraídas da Edição Soncino do Talmude, o “tipo de livro” do qual Jesus supostamente “retirou os ensinamentos que o capacitaram a revolucionar o mundo” em assuntos “morais e religiosos”:

SANHEDRIN, 55b-55a: “O que se quer dizer com isto? — Disse Rab: A pederastia com uma criança abaixo de nove anos de idade não é considerada como pederastia com uma criança acima dessa idade. Disse Samuel: A pederastia com uma criança abaixo de três anos não é tratada como com uma criança acima dessa idade (2). Qual é a base da divergência entre eles? — Rab sustenta que somente aquele que é capaz de manter relações sexuais pode, como sujeito passivo da pederastia, lançar culpa (sobre o ofensor efetivo); ao passo que aquele que não é capaz de manter relações sexuais não pode ser sujeito passivo de pederastia (nesse sentido) (3). Mas Samuel sustenta: a Escritura diz: ‘E não te deitarás com homem’, como nos atos sexuais com uma mulher (4). Foi ensinado de acordo com Rab: Pederastia na idade de nove anos e um dia; (55a) (aquele) que comete bestialidade, quer de modo natural quer antinatural; ou uma mulher que se faz abusar por um animal, quer de modo natural quer antinatural, é passível de punição (5).”

Notas de Rodapé:

> “(1) A referência é ao sujeito passivo da sodomia. Conforme declarado acima em 54a, a culpa é atribuída ao participante ativo mesmo que o primeiro seja menor; isto é, tenha menos de treze anos de idade. Agora, porém, afirma-se que dentro dessa idade é feita uma distinção. (2) Rab estabelece nove anos como o mínimo; mas, se alguém cometer sodomia com uma criança de idade inferior, nenhuma culpa é atribuída. Samuel estabelece três anos como o

mínimo. (3) Aos nove anos um menino atinge maturidade sexual. (4) Levítico XVIII, 22 (5) Rashi lê (“xxx”) (caracteres hebraicos, Ed.) em vez de (“zzz”) (caracteres hebraicos, Ed.) em nossos textos impressos. Um menino, com nove anos e um dia de idade, que comete etc. Há, assim, três cláusulas distintas nesta Baraitha. A primeira — um menino com nove anos e um dia de idade — refere-se ao sujeito passivo da pederastia, sendo a punição aplicada ao ofensor adulto. Esse deve ser o seu significado: porque, em primeiro lugar, o ofensor ativo nunca é explicitamente designado como do sexo masculino, isso sendo subentendido, assim como a Bíblia declara: “Não te deitarás com homem”, onde apenas o sexo do participante passivo é mencionado; e, em segundo lugar, se a referência de idade diz respeito à parte ativa, sendo a culpa atribuída à parte adulta passiva, por que destacar especificamente a pederastia: em todos os crimes de incesto, o adulto passivo não incorre em culpa a menos que a outra parte tenha pelo menos nove anos e um dia? Portanto, a Baraitha apoia a afirmação de Rab de que nove anos (e um dia) é a idade mínima do parceiro passivo para que o adulto seja responsabilizado.” (ênfase no original, Ed.)

Antes de apresentar mais citações literais do “tipo de livro” do qual se alega falsamente que Jesus “retirou os ensinamentos que o capacitaram a revolucionar o mundo” em “assuntos morais e religiosos”, desejo aqui novamente chamar sua atenção para a declaração oficial do rabino Morris N. Kertzer na revista “Look”, de 17 de junho de 1952. Nessa declaração oficial feita pelo rabino Morris N. Kertzer em nome do American Jewish Committee, autodenominado “O Vaticano do Judaísmo”, informou aos 20.000.000 de leitores da revista “Look” que o Talmude “**É O CÓDIGO LEGAL QUE FORMA A BASE DA LEI RELIGIOSA JUDAICA E É O LIVRO-TEXTO UTILIZADO NA FORMAÇÃO DE RABINOS**”. Por favor, tenha isso em mente ao prosseguir na leitura.

Antes de continuar, desejo também chamar sua atenção para outro aspecto. Confirmando a posição oficial do rabino Morris N. Kertzer, o The New York Times, em 20 de maio de 1954, publicou uma notícia sob a

manchete “Rabbis Plan a Fund to Endow Two Chairs”. A própria notícia dizia o seguinte: “Especial para o The New York Times, Uniontown, Pensilvânia, 19 de maio — Planos para arrecadar 500.000 dólares para a criação de duas cátedras dotadas no Jewish Theological Seminary of America foram anunciados hoje na quinquagésima quarta convenção anual da Rabbinical Assembly of America. **AS PROFESSORIAS SERIAM CONHECIDAS COMO A CÁTEDRA LOUIS GINSBERG EM TALMUDE**...”

Isto é mais uma prova de que o Talmude ainda não é letra morta na “**FORMAÇÃO DE RABINOS**”. É necessária mais alguma prova sobre essa questão?

As maiores autoridades mundiais sobre o Talmude confirmam que a Edição Soncino oficial e integral do Talmude, traduzida para o inglês, segue os textos originais com grande exatidão. Trata-se quase de uma tradução palavra por palavra dos textos originais. Em seu famoso clássico “The History of the Talmud”, Michael Rodkinson, autoridade de destaque no Talmude, em colaboração com o célebre Reverendo Dr. Isaac Mayer Wise, declara:

Com a conclusão do primeiro volume desta obra no início do século XX, convidamos o leitor a lançar um olhar sobre o passado do Talmude, no qual verá... que não somente o Talmude não foi destruído, mas foi preservado de tal modo que **NÃO FALTA UMA ÚNICA LETRA**; e agora **ELE FLORESCE EM TAL GRAU COMO NÃO SE ENCONTRA EM SUA HISTÓRIA PASSADA... O TALMUDE É UMA DAS MARAVILHAS DO MUNDO**. Durante os vinte séculos de sua existência… **SOBREVIVEU EM SUA TOTALIDADE**, e não apenas o poder de seus inimigos **FALHOU EM DESTRUIR UMA ÚNICA LINHA**, como também não conseguiu enfraquecer materialmente sua influência por qualquer período de tempo. **ELE AINDA DOMINA AS MENTES DE UM POVO INTEIRO, QUE VENERA SEU CONTEÚDO COMO VERDADE DIVINA**… As faculdades para o estudo do Talmud estão se multiplicando quase em todos os lugares onde Israel habita, especialmente neste país, onde milhões são arrecadados para

o financiamento de duas faculdades, o Hebrew Union College de Cincinnati e o Jewish Theological Seminary of America em Nova York, nas quais o principal estudo é o Talmud... Há também em nossa cidade casas de aprendizado (Jeshibath) para o estudo do Talmud no Lower East Side, onde muitos jovens estudam o Talmud todos os dias.

Essa “verdade divina” que “um povo inteiro venera”, da qual “não falta uma única letra” e que hoje “florece de um modo como nunca se viu em sua história” é ilustrada pelas citações literais adicionais que seguem:

SANHEDRIN, 55b: “Uma donzela de três anos e um dia pode ser adquirida em casamento por coito, e se o irmão do seu falecido marido tiver relações com ela, ela se torna dele. A penalidade do adultério pode ser incorrida por meio dela; (se for niddah) ela contamina aquele que se relaciona com ela, de modo que ele, por sua vez, contamina aquilo sobre o qual se deita, como uma veste que repousou sobre (uma pessoa acometida de gonorreia).” (ênfase no texto original da Edição Soncino, Ed.)

Notas de rodapé

> “(2) Sua esposa não obtém prazer com isso e, portanto, não há união. (3) Uma leitura variante desta passagem é: Há algo permitido a um judeu que seja proibido a um gentio? A relação antinatural é permitida a um judeu. (4) Tomando os dois em conjunto, o último como ilustração do primeiro, aprendemos que a culpa por violar a proibição ‘com sua esposa, mas não com a esposa do próximo’ é incorrida apenas para o ato natural, e não para o ato antinatural.” (ênfase no original, Ed.)

SANHEDRIN, 69a: “Um homem; a partir disso eu conheço a lei apenas em relação a um homem: de onde eu sei sobre alguém com nove anos e um dia, que é capaz de copular? Do versículo, E se um homem? (2) — Ele respondeu: Tal menor pode produzir sêmen, mas não pode gerar

com ele; pois é como a semente de cereais com menos de um terço de desenvolvimento (3).”

Notas de rodapé

(2) “E” (`) indica uma extensão da lei, e aqui é interpretado para incluir um menor com nove anos e um dia. (3) Tais cereais contêm sementes que, se semeadas, entretanto, não irão germinar.

SANHEDRIN, 69b: “Nossos rabinos ensinaram: Se uma mulher se comportou de forma lasciva com seu filho pequeno (um menor), e ele cometeu a primeira etapa da coabitação com ela, — Beth Shammai afirmam que, com isso, ela se torna inapta para o sacerdócio (1). Beth Hillel declaram que ela permanece apta... Todos concordam que a conexão de um garoto de nove anos e um dia é uma conexão real; enquanto a de um com menos de oito anos não é (2); sua disputa refere-se apenas a quem tem oito anos.

Notas de rodapé

(1) ou seja, ela se torna uma prostituta com quem um sacerdote não pode casar (Lev XXL,7.). (2) de modo que, se ele tivesse nove anos e um dia ou mais, Beth Hillel concorda que ela fica invalidada para o sacerdócio; enquanto se ele tivesse menos de oito, Beth Shammai concorda que ela não fica.”

KETHUBOTH, 5b. “Foi feita a pergunta: É permitido (15) realizar o primeiro ato conjugal no sábado? (16). O sangue (no útero) se acumula (17), ou é resultado de uma ferida? (18).

Notas de rodapé

"(15) Lit., 'como é isso'? (16) Quando a relação não pôde ocorrer antes do sábado (Tosaf) (17) E a relação seria permitida, já que o sangue flui por si mesmo, sem que tenha havido ferida. (18) Lit., ou está ferido? E a relação seria proibida."

KETHUBOTH, 10a-10b. "Alguém veio diante de Rabban Gamaliel, filho do Rabino, e disse-lhe: 'meu mestre, tive relações (com minha esposa recém-casada) e não encontrei nenhum sangue (7).' Ela (a esposa) disse-lhe: 'Meu mestre, ainda sou virgem'. Ele (então) disse-lhes: Tragam-me duas servas, uma (que seja) virgem e outra que tenha tido relações com um homem. Trouxeram-lhe (duas tais servas), e ele as colocou sobre um barril de vinho. (No caso de) a que não era mais virgem, seu cheiro (1) atravessou (2), (no caso da) virgem, o cheiro não atravessou (3). Ele (então) colocou esta também (a jovem esposa) sobre o barril de vinho, e seu cheiro (4) não atravessou. Ele (então) disse-lhe: Vai, seja feliz com teu acordo (7). Mas ele deveria tê-la examinado desde o início (8)."

Notas de rodapé

"(1) ou seja, o cheiro do vinho. (2) Era possível sentir o cheiro do vinho pela boca (Rashi). (3) Não era possível sentir o cheiro do vinho pela boca. (4) ou seja, o cheiro do vinho. (5) Rabban Gamaliel. (6) Ao marido. (7) O teste mostrou que a esposa era virgem. (8) Por que ele primeiro teve que fazer o experimento com as duas servas."

KETHUBOTH, 11a-11b. "Rabba disse: Significa (5) isto: Quando um homem adulto tem relações sexuais com uma menina pequena, não é nada, pois quando a menina é menor do que isso (6), é como se alguém colocasse o dedo no olho (7), mas quando um menino pequeno tem

relações sexuais com uma mulher adulta, ele a torna como 'uma menina que é ferida por um pedaço de madeira”.

Notas de rodapé

“(5) Lit., ‘diz’. (6) Lit., ‘aqui’, isto é, menos de três anos de idade. (7) As lágrimas voltam aos olhos repetidas vezes, assim como a virgindade volta para a menina com menos de três anos.”

KETHUBOTH, 11a-11b. “Rabi Judá disse que Rabi disse: Um menino pequeno que tenha relações com uma mulher adulta a torna (como se ela estivesse) ferida por um pedaço de madeira (1). Embora o ato sexual de um menino pequeno não seja considerado como tal, ainda assim a mulher é ferida por ele como por um pedaço de madeira.”

Notas de rodapé

“(1) Embora o ato sexual de um menino pequeno não seja considerado como tal, ainda assim a mulher é ferida por ele como por um pedaço de madeira.”

HAYORATH, 4a. “Aprendemos: (A LEI SOBRE A MENSTRUADA APARECE NA TORÁ, MAS SE UM HOMEM TIVER RELAÇÕES COM UMA MULHER QUE ESPERA UM DIA CORRESPONDENTE A UM DIA, ELE ESTÁ ISENTO. Mas por quê? Certamente (a lei sobre) uma mulher que espera um dia correspondente a um dia está mencionada nas Escrituras: Ele descobriu a sua fonte. Mas, certamente está escrito,(1) — Podem decidir que, de maneira natural, até o primeiro estágio do contato é proibido; e de maneira não natural, contudo, é (que a decisão poderia ter sido permitida) (3) mesmo de maneira natural (4), alegando

(que a proibição do) primeiro estágio (5) refere-se apenas à mulher menstruada (6). E se preferir, posso dizer: A decisão pode ter sido que uma mulher não é considerada uma zabah (7) exceto durante o dia, porque está escrito, todos os dias de sua emissão (8).” (ênfase no original da Edição Soncino, Ed.)

Notas de rodapé

“(13) Lev. XV, 28. (14) Cf. supra p. 17, n. 10. Uma vez que ela é assim considerada ritualmente impura segundo a Bíblia, como poderia um tribunal decidir que quem tivesse relações com ela estaria isento? (15) Lev XX, 18. (1) Ibid. 13. O plural “xxxx” (caracteres hebraicos, Ed.) implica relações naturais e não naturais. (2) Por que então o caso de ‘uma mulher que espera um dia correspondente a um dia’ foi dado como ilustração, quando o caso da menstruada, já mencionado, aplicaria a mesma ilustração? (3) O primeiro estágio do contato. (4) No caso de alguém ‘que espera um dia correspondente a um dia’; somente a consumação do coito é proibida no seu caso. (5) Cf. Lev XX, 18. (6) Assim permitindo um ato proibido que os saduceus não admitiriam. (7) Uma mulher que tem um fluxo de sangue fora do período de sua menstruação e está sujeita a certas leis de impureza e purificação (Lev XV, 25ss). (8) Lev XV, 26. Ênfase colocada nos dias.”

ABODAH ZARAH, 36b-37a. “R. Naham b. Isaac disse: Eles decretaram em relação a uma criança gentia que ela causaria contaminação por emissão seminal (2), de modo que uma criança israelita não se acostumasse a cometer pederastia com ela...A partir de que idade uma criança gentia causa contaminação por emissão seminal? A partir da idade de nove anos e um dia. (37a) pois, uma vez que então é capaz do ato sexual, também contamina por emissão. Rabina disse: Portanto, deve-se concluir que uma menina gentia (comunica contaminação) a partir da

idade de três anos e um dia, pois, uma vez que então é capaz do ato sexual, também contamina por fluxo.”

Notas de rodapé

(2) Mesmo que ele não apresentasse nenhum fluxo.

SOTAH, 26b. “R. Papa disse: Exclui-se um animal, porque não há adultério em relação a um animal (4). Raba de Parazika (5) perguntou a R. Ashi: De onde vem a afirmação feita pelos rabinos de que não há adultério com um animal? Porque está escrito: Não levarás o salário da prostituta nem o pagamento do cão etc.; (6) e foi ensinado: O salário do cão (7) e o pagamento da prostituta (8) são permitidos, como está dito: Mesmo ambos estes (9) – os dois (textos especificados são abominações) mas não quatro (10)… Como se deitar com um homem. (12) Mas, disse Raba, exclui-se o caso em que ele a advertiu sobre o contato dos corpos (13). Abaye lhe disse: Isso é apenas um ato obsceno (e não adultério), e o Todo-Misericordioso proibiu (uma esposa ao seu marido) por um ato obsceno?” (ênfase no texto original, Ed.)

Notas de rodapé

“(4) Ela não seria proibida ao seu marido por tal ato. (5) Farausag, perto de Bagdá, v. BB. (Sonc. Ed.) p. 15, n. 4. Assim se distingue do rabino anterior com o mesmo nome. (6) Deut. XXIII, 19. (7) Dinheiro dado por um homem a uma prostituta para que se associasse com seu cão. Tal associação não é considerado adultério legal. (8) Se um homem possuísse uma escrava que fosse prostituta e a trocasse por um animal, isso poderia ser aceito. (9) São uma abominação perante o Senhor (ibid). (10) Ou seja, os outros dois mencionados pelo rabino. (11) Em Num. V. 13, já que a lei se aplica

a um homem incapaz. (12) Lev. XVIII, 22. A palavra para ‘deitar’ está no plural e é explicada como incluindo também relações sexuais antinaturais. (13) Com o outro homem, embora não haja cópula real.” (ênfase no texto original da Edição Soncino, Ed.)

YEBAMOTH, 55b. “Raba disse: com que propósito o Todo-Misericordioso escreveu ‘carnalmente’ em relação à serva designada (9), a mulher casada (10) e a sotah (11)? Que, no caso da serva designada, é exigido conforme acabou de ser explicado (12). Que, no caso da mulher casada, exclui o ato sexual com um membro relaxado (13). Esta é uma interpretação satisfatória de acordo com a visão de quem sustenta que, se alguém coabitou com parentes proibidos com membro relaxado, ele está isento de culpa (14); o que, no entanto, pode ser dito, segundo quem sustenta que, por tal ato, se é culpado? A exclusão refere-se antes ao ato sexual com uma mulher morta (15). Pois poderia se supor que, como esposa, mesmo após sua morte, ela é descrita como sua parente (16), e que se seria culpado por (ter relação com) ela (como no caso de) uma mulher casada; portanto, nos é ensinado (que se está isento).”

Notas de rodapé

(9) Lev. XIX, 20. (10) Ibid. XVIII, 20. (11) Num. V, 13. (12) SUPRA 55a. (13) Pois nenhuma fertilização pode ocorrer. (14) Shebu., 18a, Sanh. 55a. (15) Mesmo que ela morra como mulher casada. (16) Em Lev. XXI, 2, onde o texto enumera os parentes mortos pelos quais um sacerdote pode se tornar impuro. Como explicado, supra 22b, seus parentes referem-se à esposa.

YEBAMOTH, 103a-103b. “Quando a serpente copulou com Eva (14) com luxúria. A luxúria dos israelitas que estavam no Monte Sinai (16)

chegou ao fim, a luxúria dos idólatras que não estavam no Monte Sinai não chegou ao fim.”

Notas de rodapé

(14) No Jardim do Éden, segundo a tradição. (15) ou seja, a espécie humana. (16) E experimentaram a influência purificadora da Revelação divina.

YEBAMOTH, 63a. R. Eleazar afirmou ainda: O que significa o texto das Escrituras, *Isto agora* é osso dos meus ossos e carne da minha carne (5)? Isto ensina que Adão teve relações com toda besta e animal, mas não encontrou satisfação até coabitar com Eva.

Notas de rodapé

(5) Gên. II, 23. ênfase em Isto agora. (ênfase aparece no texto original da Edição Soncino, Ed.)

YEBAMOTH, 60b. “Como relatou R. Joshua b. Levi: ‘Havia certa cidade na Terra de Israel cuja legitimidade de seus habitantes era contestada, e o Rabino enviou R. Ramanos, que conduziu uma investigação e encontrou nela a filha de um prosélito que tinha menos de três anos e um dia (14), e o Rabino declarou-a elegível para viver com um sacerdote (15)’.”

Notas de rodapé

"(13) Um prosélito com menos de três anos e um dia pode ser casado por um sacerdote. (14) E foi casada com um sacerdote. (15) Ou seja, permitida a continuar a viver com seu marido."

YEBAMOTH, 59b. "R. Shimi b. Hiyya afirmou: Uma mulher que tenha tido relações com um animal é elegível para casar com um sacerdote (4). Da mesma forma, foi ensinado: Uma mulher que tenha tido relações com aquilo que não é um ser humano (5), embora, em consequência, esteja sujeita à pena de apedrejamento (6), ainda assim é permitida a casar com um sacerdote (7)."

Notas de rodapé

"(4) Até mesmo um Sumo Sacerdote. O resultado de tal relação é considerado apenas uma lesão, e a opinião que não considera o hímen acidentalmente ferido como desqualificação também não considera tal relação dessa forma. (5) Um animal. (6) Se a ofensa foi cometida na presença de testemunhas após a devida advertência. (7) Na ausência de testemunhas e advertência."

YEBAMOTH, 12b. "R. Bebai recitou perante R. Naham: Três (categorias de) mulheres podem (7) usar um absorvente (8) em suas relações conjugais (9), uma menor, uma mulher grávida e uma mulher lactante. A menor (10) porque (caso contrário) ela poderia (11) engravidar e, como resultado (11), poderia morrer... E qual é a idade dessa menor? (14) A partir de onze anos e um dia até doze anos e um dia. Quem estiver abaixo (15) ou acima dessa idade (16) deve manter suas relações conjugais da maneira usual."

Notas de rodapé

"(7) (segundo Rashi. R. Tam; deveria usar, v. Tosaf s.v.) (8) Lã penteada ou linho (9) Para prevenir a concepção (10) Pode usar um absorvente. (11) Lit., 'talvez'. (14) Quem é capaz de conceber, mas exposta, assim, ao perigo de morte. (15) Quando não é possível concepção. (16) Quando a gravidez não envolve consequências fatais."

YEBAMOTH, 59b. "Quando R. Dimi chegou (8), ele relatou: Certa vez, em Haitalu (9), enquanto uma jovem varria o chão (10), um cão da aldeia (11) a cobriu por trás (12) e o rabino permitiu que ela se casasse com um sacerdote. Samuel disse: Até mesmo um Sumo Sacerdote."

Notas de rodapé

"(8) Da Palestina à Babilônia (9) (Forma babilônica de Aitulu, atual Aiterun, N.O. de Kadesh, v. S. Klein, *Beitrage*, p. 47). (10) Lit., 'casa'. (11) Ou 'cão de caça grande' (Rashi), 'cão feroz' (Jast.), 'cão selvagem pequeno' (Aruk). (12) Um caso de relação sexual não natural."

KETHUBOTH, 6b. "Disse-lhe ele: Não como aqueles babilônios que não sabem afastar-se (7), mas há alguns que sabem afastar-se (8). Se assim, por que (dar a razão de) 'ansioso'? (10) — para aquele que não sabe. (Então) digam: Quem sabe, está permitido (realizar o primeiro ato sexual no Sábado), quem não sabe, é proibido? — A maioria (das pessoas) sabe (11). Disse Raba, filho de R. Hanan, a Abaye: Se fosse assim, por que (precisam de) pajens? (12) por que (precisam de) lençol? (13) — Ele (Abaye) disse-lhe: Ali (os pajens e o lençol são necessários) talvez ele veja e destrua (os sinais da virgindade dela) (14)."

Notas de rodapé

> “(7) ou seja, ter relações com uma virgem sem causar sangramento. (8) Assim, nenhum sangue precisa sair, e ‘Corte-se sua cabeça, e que não morra!’ não se aplica. (9) Se o noivo souber ‘afastar-se lateralmente’. (10) Ele não precisa se preocupar com o ato sexual e não deve deixar de recitar o Shemá por causa de tal ansiedade. (11) Portanto, o princípio de ‘Corte-se sua cabeça, e que não morra!’ não se aplica, como regra.” (12) Os padrinhos testemunham, se necessário, sobre a virgindade da noiva. V. infra 12a. Se o noivo agir de modo a não causar sangramento, os padrinhos não poderão testemunhar sobre a virgindade. (13) Para fornecer prova da virgindade da noiva. Cf. Deut. XXII,17. (14) Pode acontecer de ele agir de modo normal e causar sangramento, mas destruir os sinais e alegar que a noiva não era virgem; por essa razão, as disposições acima são necessárias. Contudo, se ele se afastou e fez uma acusação falsa sobre a virgindade, a noiva pode alegar que ainda é virgem (Rashi).

Após a leitura destas citações literais, entre inúmeras outras semelhantes que se encontram na oficial edição completa não abreviada do Talmud de Soncino em inglês, Vossa Excelência, meu caro Dr. Goldstein, acredita que o Talmud foi o “tipo de livro” do qual Jesus “retirou os ensinamentos que lhe permitiram revolucionar o mundo” em assuntos “morais e religiosos”? Vossa Excelência leu aqui citações literais e notas de rodapé oficiais sobre alguns dos muitos outros assuntos tratados nos “63 livros” do Talmud. Ao lê-los, deve-se estar preparado para um choque. Surpreende-me que o serviço postal dos Estados Unidos não proíba o Talmud de ser enviado pelo correio. Hesito em citá-los nesta carta.

Em apoio à alegação do mais alto escalão entre as principais autoridades sobre essa fase do status atual do Talmud, mais uma prova da ampla influência exercida pelo Talmud sobre os chamados ou

autoproclamados “judeus” é fornecida pelo artigo de Rabbi Morris N. Kertzer, “O que é um judeu”, na edição de 17 de junho de 1952 da revista *Look*. O artigo de Rabbi Morris N. Kertzer contém uma bonita imagem de um homem sorridente sentado em uma cadeira, com um grande livro aberto sobre o colo. Sentados ao redor dele, no chão, estão cerca de uma dúzia de homens e mulheres sorridentes. Eles prestam atenção ao homem sorridente na cadeira, com o livro aberto sobre o colo. Ele lê para as pessoas no chão, enfatizando o que lê com gestos de uma das mãos. Abaixo dessa fotografia do grupo está a seguinte explicação:

“**ADULTOS TAMBÉM ESTUDAM ESCRITOS ANTIGOS. O RABINO, NESTA FOTO, SENTADO NA CADEIRA, CONDUZ A DISCUSSÃO EM GRUPO SOBRE O TALMUD ANTES DA ORAÇÃO NOTURNA.**” (ênfase no original)

Esta fotografia e explicação indicam a extensão em que o Talmud constitui a alimentação diária dos chamados ou autodenominados “judeus” nos dias atuais. O Talmud é ensinado primeiramente às crianças desses chamados ou autodenominados “judeus” assim que elas sabem ler. Assim como o Talmud é o “livro didático pelo qual os rabinos são formados”, ele também é o livro didático pelo qual a massa dos chamados ou autodenominados “judeus” é “treinada” a pensar desde a mais tenra idade. Na tradução do Talmud, com seus textos editados, corrigidos e formulados pelo eminente Michael Rodkinson, com sua primeira edição revista e corrigida pelo célebre Reverend Dr. Isaac M. Wise, na página XI, afirma-se:

“**O judeu moderno é o produto do Talmud**” (ênfase no original).

Para o cristão médio, a palavra “Talmud” é apenas mais um termo associado à forma de culto praticada em suas sinagogas pelos chamados ou autodenominados “judeus”. Muitos cristãos nunca ouviram falar do Talmud. Pouquíssimos estão informados sobre o conteúdo do Talmud. Alguns podem acreditar que o Talmud é uma parte integrante do culto religioso que conhecem como “judaísmo”, sugerindo algo como uma espécie de Bíblia ou livro de texto religioso. Ele é classificado como um manual espiritual. Mas, fora isso, poucos cristãos, se é que algum, têm

compreensão do conteúdo do Talmud e do que ele representa na vida diária dos chamados ou autodenominados “judeus”. Como ilustração, meu caro Dr. Goldstein: quantos cristãos têm alguma noção da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos), recitada nas sinagogas no Dia da Expiação?

No Volume VIII da *Jewish Encyclopedia*, na página 539, que se encontra na Biblioteca do Congresso, na Biblioteca Pública de Nova York e em bibliotecas das principais cidades, encontra-se a tradução oficial para o inglês da oração conhecida como “Kol Nidre” (Todos os Votos). Trata-se do prólogo das celebrações do Dia da Expiação nas sinagogas. Ela é recitada três vezes pela congregação em pé, em conjunto com os rabinos que cantam no altar. Após a recitação da oração “Kol Nidre” seguem-se imediatamente as cerimônias religiosas do Dia da Expiação. As observâncias religiosas do Dia da Expiação constituem os dias mais sagrados para os chamados ou autodenominados “judeus” e são celebradas como tal em todo o mundo. Segue a tradução oficial para o inglês da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos):

“**Todos os votos, obrigações, juramentos, anátemas, quer chamados ‘konam’, ‘konas’ ou por qualquer outro nome, que possamos fazer, jurar, prometer ou pelos quais possamos ficar vinculados, desde este Dia da Expiação até o próximo (cuja feliz chegada aguardamos), deles nos arrependemos. Que sejam considerados absolvidos, perdoados, anulados e nulos, e tornados sem efeito; Eles não nos vincularão nem terão poder sobre nós. Os votos não serão considerados votos; as obrigações não serão obrigatórias; nem os juramentos serão juramentos.”** (ênfase no original)

As implicações, inferências e insinuações da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) são mencionadas no Talmud, no tratado Nedarim, 23a–23b, da seguinte forma:

“E aquele que deseja que **NENHUM DE SEUS VOTOS FEITOS DURANTE O ANO SEJA VÁLIDO,** que se levante no início do ano e declare: **‘TODO VOTO QUE EU FIZER NO FUTURO SERÁ NULO’ (1). (SEUS VOTOS FICAM ENTÃO INVÁLIDOS,) CONTANTO**

QUE ELE SE LEMBRE DISSO NO MOMENTO DO VOTO.” (ênfase no original e acrescentada pelo editor)

Notas de rodapé

> “(1) Isto pode ter servido de fundamento para o costume de recitar o Kol Nidre (uma fórmula de dispensa de votos) antes do Ofício da Noite do Dia da Expiação (Ran)... Embora o início do ano (Ano Novo) seja mencionado aqui, o Dia da Expiação provavelmente foi escolhido em razão de sua grande solenidade. Mas o Kol Nidre, como parte do ritual, É POSTERIOR AO TALMUD e, como se vê na seguinte declaração de R. Huna b. Hinene, A LEI DA REVOGAÇÃO ANTECIPADA NÃO FOI TORNADA PÚBLICA. (ênfase acrescentada e no texto original, Ed.)”

O maior estudo sobre a oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) foi feito pelo eminente psicanalista Professor Theodor Reik, célebre discípulo do famoso Dr. Sigmund Freud. A análise do contexto histórico, religioso e psicológico da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos), realizada pelo Professor Reik, apresenta o Talmud em sua verdadeira perspectiva. Esse importante estudo encontra-se em sua obra “The Ritual: Psycho-Analytical Studies”. No capítulo sobre o Talmud, na página 168, o Professor Reik afirma:

> “**O TEXTO ERA NO SENTIDO DE QUE TODOS OS JURAMENTOS QUE OS FIÉIS FAZEM ENTRE UM DIA DA EXPIAÇÃO E O DIA DA EXPIAÇÃO SEGUINTE SÃO DECLARADOS INVÁLIDOS.**” (ênfase acrescentada)

Antes de explicar-lhe como a redação atual da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) foi introduzida nas cerimônias da sinagoga no Dia da Expiação, meu caro Dr. Goldstein, gostaria de citar-lhe um trecho da *Universal Jewish Encyclopedia*. A *Universal Jewish Encyclopedia* confirma o fato de que a oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) não possui valor espiritual, como poderia ser imaginado pelo fato de ser recitada nas

sinagogas no Dia da Expiação como prólogo das cerimônias religiosas que a seguem. O significado secular da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) é indicado de modo enfático pela análise apresentada na *Universal Jewish Encyclopedia*. No Volume VI, na página 441, afirma-se:

> “O Kol Nidre **NADA TEM A VER COM A IDEIA PROPRIAMENTE DITA DO DIA DA EXPIAÇÃO**... alcançou extraordinária solenidade e popularidade pelo fato de ter sido **A PRIMEIRA ORAÇÃO RECITADA NESTE O MAIS SAGRADO DOS DIAS.**”

Meu caro Dr. Goldstein, prepare-se para o choque de sua vida. Compelido pelo que acaba de ler aqui sobre a oração “Kol Nidre” (Todos os Votos), o senhor certamente ficará chocado ao saber que muitas igrejas cristãs chegam a “repicar seus sinos” no Dia da Expiação em celebração dessa data sagrada para os chamados ou autodenominados “judeus”. Até que ponto pode chegar a ingenuidade do clero cristão? Pelo que pude apurar após uma investigação superficial, não posso dizer se se trata de estupidez ou de cupidez. Com o que o senhor já sabe, juntamente com o que ainda saberá antes de concluir esta carta, poderá julgar por si mesmo se foi estupidez ou cupidez. Não há um único fato, em toda esta carta, que todo graduado de um seminário teológico não tenha tido a oportunidade de conhecer.

O seguinte item noticioso foi destacado no *New York* World Telegram em 7 de outubro, apenas alguns dias atrás. Sob a manchete de grande destaque “JEWISH HOLIDAYS TO END AT SUNDOWN”, o *New York* World Telegram deu ampla proeminência à seguinte reportagem:

> “As sinagogas e templos por toda a cidade estavam lotados ontem, quando começou o jejum de 24 horas. O Dr. Normal Salit, chefe do Synagogue Council of America, representando os três principais organismos judaicos, havia convocado outras religiões A SE UNIREM AO JEJUM... Transpondo as barreiras religiosas, MUITAS IGREJAS PROTESTANTES NA CIDADE TOCARAM SEUS SINOS NA NOITE PASSADA PARA SOAR O KOL NIDRE,

MELODIA TRADICIONAL USADA NO INÍCIO DO YOM KIPPUR. O GESTO DE BOA VONTADE FOI RECOMENDADO PELO ESCRITÓRIO DE MANHATTAN DO PROTESTANT COUNCIL" (ênfase no original).

Isso praticamente "supera" qualquer coisa que já chegou ao meu conhecimento, revelando a ignorância e a indiferença do clero cristão diante dos perigos que hoje ameaçam a fé cristã. A partir de meus contatos pessoais recentes com o Escritório de Manhattan do Conselho Protestante, alimento pouquíssima esperança de que possam oferecer alguma contribuição construtiva para a defesa comum da fé cristã contra seus inimigos declarados. Em cada ocasião, eles cederam à "pressão" exercida sobre eles pelos "contatos" de supostos ou autodenominados "judeus".

Se não fosse tão trágico, seria cômico. Foi realmente uma piada — mas a piada foi às custas do clero cristão. Ó céus! "Muitas" igrejas cristãs "repicaram seus sinos", como relata o Conselho Protestante, "PARA SOAR O KOL NIDRE, MELODIA TRADICIONAL USADA NO INÍCIO DO YOM KIPPUR". Afinal, onde começa a traição de uma confiança e a quebra de fé?

A redação atual da "Kol Nidre" ("Todos os Votos") data do século XI. Uma reviravolta política na Europa Oriental obrigou os chamados ou autodenominados "judeus" daquela região a adotar a formulação atual da "Kol Nidre" ("Todos os Votos"). Essa história envolve a trajetória histórica dos chamados ou autodenominados "judeus". Antes de relatar aqui, da forma mais breve possível, a história dos chamados ou autodenominados "judeus" da Europa Oriental, gostaria de citar outra breve passagem da *Jewish Encyclopedia*. Ao analisar o curso da história que resultou na redação atual da "Kol Nidre" ("Todos os Votos"), a *Jewish Encyclopedia*, no Volume VII, página 540, declara:

"**UMA IMPORTANTE ALTERAÇÃO NA REDAÇÃO do 'Kol Nidre' foi feita pelo genro de Rashi, Meir ben Samuel, QUE MUDOU A FRASE ORIGINAL 'DESDE O ÚLTIMO DIA DA EXPIAÇÃO ATÉ ESTE' para 'DESDE ESTE DIA DA EXPIAÇÃO ATÉ O PRÓXIMO'.**" (ênfase acrescentada)

O senhor há de concordar, meu caro Dr. Goldstein, que Meir ben Samuel sabia o que estava fazendo. A redação dessa versão alterada da "Kol Nidre" ("Todos os Votos") faz com que a recitação da oração funcione como uma liberação, para o ano seguinte, de quaisquer obrigações de respeitar qualquer juramento, voto ou promessa durante esse período. Assim como qualquer licença anual obtida junto aos governos federal, estadual ou municipal, a versão alterada da "Kol Nidre" ("Todos os Votos") estende, de antemão, por um ano, imunidade em relação a todas as obrigações de cumprir os termos de juramentos, votos e promessas feitos no ano subsequente à data do Dia da Expiação em que a oração foi recitada. A cada ano, porém, torna-se necessário renovar essa "licença", que revoga automaticamente, de antemão, qualquer juramento, voto ou promessa feitos durante os doze meses seguintes, comparecendo novamente a uma sinagoga no próximo Dia da Expiação e recitando outra vez a oração "Kol Nidre" ("Todos os Votos"). O senhor aprova isso?

A passagem no Talmude referente à oração "Kol Nidre" ("Todos os Votos") atesta várias situações graves. Ela atesta que a oração "Kol Nidre" ("Todos os Votos") foi acrescentada como um prólogo aos serviços religiosos do Dia da Expiação muito depois da conclusão do Talmude, entre 500 d.C. e 1000 d.C., pela declaração de que "como parte do ritual, é posterior ao Talmude." Confirma que Meir ben Samuel, que redigiu a atual versão alterada da oração "Kol Nidre" ("Todos os Votos"), viveu no século XI. Além disso, os chamados — ou autodenominados — "judeus" da Europa Oriental acreditavam que lhes servia melhor manter em segredo, de seus conquistadores cristãos, sua posição quanto a juramentos, votos e promessas: "a lei de revogação antecipada não foi tornada pública."

Com um conhecimento completo e preciso da origem e da história dos chamados — ou autodenominados — "judeus" da Europa Oriental, meu caro Dr. Goldstein, é completamente impossível para o senhor ou para qualquer pessoa compreender de modo inteligente a influência nociva que o Talmud exerceu por dez séculos, e a oração "Kol Nidre" ("Todos os Votos") por sete séculos, sobre o curso da história mundial. Esses dois fatores pouco conhecidos são o eixo e os raios da "grande roda" que

avança alegremente pela estrada rumo à completa dominação mundial em um futuro não distante, sem despertar suspeitas, e usando o disfarce inocente de uma suposta crença religiosa como seu único mecanismo de defesa.

Essa intriga insidiosa cria uma camuflagem extremamente eficaz para os conspiradores. A força do seu plano apresenta um problema na defesa das ideologias políticas, econômicas, sociais e culturais desenvolvidas sob uma civilização cristã.

Você provavelmente também ficará tão espantado quanto os 150.000.000 cristãos anos atrás, quando eu eletrizei a nação com a minha primeira publicação dos fatos revelados por meus muitos anos de pesquisa sobre a origem e a história dos chamados ou autodenominados “judeus” na Europa Oriental. Meus muitos anos de pesquisa intensiva estabeleceram, além de qualquer dúvida, em contrário à crença geralmente aceita entre os cristãos, que os chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental, em nenhum momento de sua história naquela região, foram as lendárias “dez tribos perdidas” da tradição bíblica. Esse fato histórico é incontroverso.

Pesquisas incansáveis estabeleceram como igualmente verdadeiro que os chamados ou autodenominados “judeus” do leste europeu em nenhum momento de sua história poderiam ser corretamente considerados descendentes diretos, em linha reta, das lendárias “dez tribos perdidas” da tradição bíblica. Os chamados ou autodenominados “judeus” do leste europeu, na história moderna, não podem legitimamente apontar para um único ancestral antigo que tenha sequer posto os pés no solo da Palestina na era da história bíblica. A pesquisa também revelou que os chamados ou autodenominados “judeus” do leste europeu nunca foram “semitas”, não são “semitas” agora, nem jamais poderão ser considerados “semitas” em qualquer tempo futuro, por mais que se force a imaginação. Pesquisas exaustivas também rejeitam de modo irrevogável, como uma fabricação fantasiosa, a crença geralmente aceita entre cristãos de que os chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental sejam o lendário “Povo

Escolhido", tão veementemente divulgado pelo clero cristão a partir de seus púlpitos.

Talvez o senhor possa me explicar, meu caro Dr. Goldstein, por que e de que modo a origem e a história dos khazares e do Reino Khazar foram tão bem ocultadas do mundo por tantos séculos? Que poder secreto e misterioso foi capaz, ao longo de incontáveis gerações, de manter a origem e a história dos khazares e do Reino Khazar fora dos livros didáticos e dos cursos de História nas salas de aula em todo o mundo? A origem e a história dos khazares e do Reino Khazar são, certamente, fatos históricos incontestáveis.

Esses fatos históricos incontestáveis também estabelecem, além de qualquer dúvida, a origem e a história dos chamados ou autodenominados "judeus" da Europa Oriental. A origem e a história dos khazares e do Reino Khazar, bem como sua relação com a origem e a história inicial dos chamados ou autodenominados "judeus" da Europa Oriental, teriam sido um dos segredos mais bem guardados da História até que ampla publicidade foi dada, nos últimos anos, às minhas pesquisas sobre esse tema. Não acha, meu caro Dr. Goldstein, que já é hora de tirar todo esse assunto de seu esconderijo?

No ano de 1948, no Pentágono, em Washington, dirigi-me a uma grande assembleia dos mais altos oficiais do Exército dos Estados Unidos, principalmente do setor G2 da Inteligência Militar, sobre a situação geopolítica altamente explosiva na Europa Oriental e no Oriente Médio. Tanto então quanto agora, aquela região do mundo representava uma ameaça potencial à paz mundial e à segurança desta nação. Expliquei-lhes detalhadamente a origem dos khazares e do Reino Khazar. Eu sentia então, como me sinto agora, que sem um conhecimento claro e abrangente desse tema não é possível compreender nem avaliar adequadamente o que tem ocorrido no mundo desde 1917, o ano da Revolução Bolchevique na Rússia. Esse é o "ponto-chave" do problema.

Ao término da minha exposição, um tenente-coronel muito atento, presente à reunião, informou-me que era o chefe do departamento de História de uma das maiores e mais bem avaliadas instituições de ensino

superior dos Estados Unidos. Ele lecionou História ali por 16 anos. Recentemente foi convocado de volta a Washington para um novo serviço militar. Para meu espanto, declarou-me que, em toda a sua carreira como professor de História, ou em qualquer outra circunstância, jamais havia ouvido a palavra “khazar” antes de ouvi-la mencionada por mim naquela ocasião. Isso deve lhe dar alguma ideia, meu caro Dr. Goldstein, de quão bem-sucedido foi esse misterioso poder secreto em seu plano de “bloquear” a origem e a história dos khazares e do Reino Khazar, a fim de ocultar do mundo — e particularmente dos cristãos — a verdadeira origem e a história dos chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental.

A conquista russa, entre os séculos X e XIII, dos pouco conhecidos pela História khazares aparentemente pôs fim, para sempre, à existência do pouco conhecido — também pela História — reino soberano de 800.000 milhas quadradas dos chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental, então conhecido como Reino Khazar.Historiadores e teólogos agora concordam que esse desenvolvimento político foi a razão da “IMPORTANTE MUDANÇA NA REDAÇÃO DO ‘KOL NIDRE’” feita por Meir ben Samuel no século XI, bem como da política adotada pelos chamados ou autodenominados “judeus” de que “A LEI DA REVOGAÇÃO ANTECIPADA NÃO FOI TORNADA PÚBLICA”. O senhor será paciente comigo enquanto faço aqui, da forma mais breve possível, uma revisão da história dessa emergência e posterior desaparecimento político de uma nação das páginas da História?

Antes do século X, o Reino Khazar já havia sido reduzido, pelas conquistas russas, a uma área de cerca de 800.000 milhas quadradas. Como se pode ver no mapa da *Jewish Encyclopedia* [reproduzido na capa deste livro, “Fatos são Fatos”], o território do Reino Khazar no século X ainda era, de longe, o maior de qualquer nação da Europa.

A população do Reino Khazar era composta, em sua maior parte, por khazares, acrescida dos remanescentes das populações das 25 nações agrícolas pacíficas que haviam habitado essa área de aproximadamente 1.000.000 de milhas quadradas antes de sua conquista pelos khazares

invasores. No século I a.C., os khazares teriam invadido a Europa Oriental a partir de sua terra natal na Ásia. A invasão da Europa Oriental pelos khazares deu-se pela rota terrestre situada entre a extremidade norte do Mar Cáspio e a extremidade sul dos Montes Urais (ver mapa).

Map Showing th[illegible] of Religions in Europe in the [illegible]th Century, C.E., [illegible]cating Extent of the Kingdom of the Chazars.

“ORIGEM DOS CHAMADOS OU AUTODENOMINADOS ‘JUDEUS’ NA EUROPA ORIENTAL

(‘Khazar’ é a grafia moderna aceita; a *Jewish Encyclopedia* conserva a forma arcaica ‘Chazar’).

O mapa acima revela a importância histórica dos chamados ou autodenominados ‘judeus’ na Europa Oriental no século X, então ainda conhecidos como khazares (chazares), antes da conquista do Reino Khazar pelos russos entre os séculos XI e XIII. (Ver páginas 39 a 47). A ascensão e a queda do Reino Khazar, entre o século I a.C. e o século XIII d.C., constituem a ‘chave’ para a solução dos problemas internacionais do século XX considerados prejudiciais à segurança da nação.” (Trecho retirado da Jewish Encyclopedia)

Os khazares não eram “semitas”. Eram uma nação asiática mongoloide. São classificados por antropólogos modernos, do ponto de vista racial, como turco-finos. Desde tempos imemoriais, a pátria dos khazares situava-se no coração da Ásia. Eram uma nação extremamente guerreira. Os khazares foram finalmente expulsos da Ásia pelas nações asiáticas com as quais estavam continuamente em guerra. Os khazares invadiram a Europa Oriental para escapar de novas derrotas na Ásia. Sendo uma nação extremamente guerreira, não encontraram dificuldade em subjugar e conquistar as 25 nações agrícolas pacíficas que ocupavam aproximadamente 1.000.000 de milhas quadradas na Europa Oriental. Em um período relativamente curto, os khazares estabeleceram o maior e mais poderoso reino da Europa e, provavelmente, também o mais rico.

Os khazares eram uma nação pagã quando invadiram a Europa Oriental. Seu culto religioso era descrito como uma mistura de culto fálico e outras formas de idolatria praticadas na Ásia por nações pagãs. Essa forma de culto teria continuado até o século VII. Segundo o relato, os excessos sexuais associados a essas práticas religiosas teriam produzido um grau de degeneração moral que o rei khazar não pôde tolerar. No século VII, o rei Bulan, então governante do Reino Khazar, decidiu abolir o culto fálico e outras formas de idolatria e adotar como nova religião oficial do Estado uma das três religiões monoteístas, sobre as quais ele sabia muito pouco. Após uma sessão histórica com representantes das três religiões monoteístas, o rei Bulan decidiu rejeitar o Cristianismo e o Islã e escolheu como futura religião do Estado a forma de culto então conhecida

como “talmudismo”, e hoje conhecida e praticada como “judaísmo”. Esse evento é apresentado como bem documentado na História.

O rei Bulan e seus 4.000 nobres feudais teriam sido prontamente convertidos por rabinos trazidos da Babilônia para essa ocasião. O culto fálico e outras formas de idolatria foram, a partir de então, proibidos. Os reis khazares convidaram grande número de rabinos para virem abrir sinagogas e escolas, a fim de instruir a população na nova forma de culto religioso. Passou então a ser a religião oficial do Estado. Os khazares convertidos tornaram-se a primeira população dos chamados ou autodenominados “Jews” no Leste Europeu. Os chamados ou autodenominados “Jews” no Leste Europeu, após a conversão dos khazares, seriam os descendentes dos khazares convertidos ao “Talmudism”, ou como é agora conhecido, “Judaism”, por meio da conversão em massa da população khazar no século VII.

Após a conversão do rei Bulan, ninguém além de um chamado ou autodenominado “Jew” poderia ocupar o trono khazar. O Reino Khazar tornou-se praticamente uma teocracia. Os líderes religiosos também eram os administradores civis. Eles impuseram à população os ensinamentos do Talmud como guia de vida. As ideologias do Talmud tornaram-se o eixo das atitudes e atividades políticas, culturais, econômicas e sociais em todo o Reino Khazar. O Talmud passou a fornecer tanto a lei civil quanto a lei religiosa.

Pode ser muito interessante para o senhor, meu caro Dr. Goldstein, se tiver paciência, permitir-me citar aqui o Volume IV, páginas 1 a 5, da *Jewish Encyclopedia*. A *Jewish Encyclopedia* refere-se aos khazares como “Chazars”. Segundo as melhores autoridades, ambas as grafias são opcionais e têm a mesma pronúncia.

Tanto “Khazar” quanto “Chazar” se pronunciam como a primeira sílaba de “costume” seguida da palavra “Czar”. A pronúncia correta é “cos(tume)Czar”. A *Jewish Encyclopedia* dedica cinco páginas aos khazares, mas eu farei apenas um resumo delas:

“CHAZARES: Um povo de origem turca cuja vida e história estão entrelaçadas com OS PRÓPRIOS INÍCIOS DA HISTÓRIA DOS JUDEUS NA RÚSSIA ... impulsionados pelas tribos nômades das estepes e PELO PRÓPRIO DESEJO DE SAQUE E VINGANÇA …

No segundo semestre do século VI, os Chazares moveram-se para o oeste... O reino dos Chazares estava firmemente estabelecido na MAIOR PARTE DO SUL DA RÚSSIA MUITO ANTES DA FUNDAÇÃO DA MONARQUIA RUSSA PELOS VARANGIANOS (855) … Nessa época, o reino dos Chazares estava no auge de seu poder E ESTAVA CONSTANTEMENTE EM GUERRA... No final do século VIII... o *chagan* (rei) dos Chazares e seus grandes, JUNTAMENTE COM UM GRANDE NÚMERO DE SEU POVO PAGÃO, ADOTARAM A RELIGIÃO JUDAICA…

A população judaica em todo o domínio dos Chazares, no período entre os séculos VII e X, DEVE TER SIDO CONSIDERÁVEL... por volta do SÉCULO IX, PARECE QUE TODOS OS CHAZARES ERAM JUDEUS E QUE HAVIAM SIDO CONVERTIDOS AO JUDAÍSMO APENAS POUCO TEMPO ANTES... Foi um dos sucessores de Bulan, chamado Obadias, quem regenerou o reino e FORTALECEU A RELIGIÃO JUDAICA. Ele convidou estudiosos judeus para se estabelecerem em seus domínios e fundou SINAGOGAS E ESCOLAS. O povo foi instruído na Bíblia, na Mishná e no TALMUD, e no ‘serviço divino dos hazzanim’... Em seus escritos, OS CHAZARES USAVAM AS LETRAS HEBRAICAS... AS LÍNGUAS CHAZARES PREDOMINAVAM… Obadias foi sucedido por seu filho Isaac; Isaac por seu filho Moisés (ou Manassés II); este pelo seu filho Nisi; e Nisi pelo seu filho Aarão II.

O próprio rei José era filho de Aarão, e ASCENDEU AO TRONO DE ACORDO COM A LEI DOS CHAZARES RELATIVA À SUCESSÃO… O rei tinha vinte e cinco esposas, todas de sangue real, e sessenta concubinas, todas belas famosas. Cada uma dormia

em uma tenda separada e era vigiada por um eunuco… ISTO PARECE TER SIDO O INÍCIO DO DECLÍNIO DO REINO DOS CHAZARES… Os Varangianos russos estabeleceram-se em Kiev… até a conquista final dos Chazares pelos russos… Após uma dura batalha, os russos conquistaram os Chazares… Quatro anos depois, os russos conquistaram todo o território chazariano a leste do Mar de Azov… muitos membros da família real chazariana emigraram para a Espanha… Alguns foram para a Hungria, MAS A GRANDE MAIORIA DO POVO PERMANECEU EM SEU PAÍS NATAL."

O maior historiador sobre a origem e a história dos chamados ou autodenominados "Judeus" na Europa Oriental foi o professor H. Graetz, ele próprio um chamado ou autodenominado "Judeu". O professor H. Graetz aponta em sua famosa obra *História dos Judeus* que, quando os chamados ou autodenominados "Judeus" em outros países ouviam rumores sobre os chamados ou autodenominados "Judeus" no Reino dos Chazares, acreditavam que esses chazares convertidos eram as "dez tribos perdidas". Esses rumores foram, sem dúvida, responsáveis pela lenda que se desenvolveu de que a Palestina seria a "terra natal" dos chazares convertidos. Na página 141 de sua obra *História dos Judeus*, o professor H. Graetz afirma:

"Os chazares professavam uma religião grosseira, que se combinava com sensualidade e lascívia... Após Obadias, seguiu-se uma longa série de chagãs (reis) judeus, pois, DE ACORDO COM UMA LEI FUNDAMENTAL DO ESTADO, SOMENTE GOVERNANTES JUDEUS PODIAM SUBIR AO TRONO… Por algum tempo, OS JUDEUS DE OUTROS PAÍSES NÃO TINHAM CONHECIMENTO DA CONVERSÃO DESTE PODEROSO REINO AO JUDAÍSMO, e quando finalmente um rumor vago a esse respeito lhes chegou, ELES PENSARAM QUE A CHAZÁRIA ERA HABITADA PELO RESTO DAS ANTIGAS DEZ TRIBOS."

Quando os czares, no século I a.C., invadiram a Europa Oriental, sua língua materna era uma língua asiática, referida na *Jewish Encyclopedia* como as "línguas czares".

Eram dialetos asiáticos primitivos, sem alfabeto ou forma escrita. Quando o rei Bulan foi convertido no século VII, ele decretou que os caracteres hebraicos que observou no Talmud e em outros documentos hebraicos passassem a ser o alfabeto da língua czares. Os caracteres hebraicos foram adaptados à fonética da língua czares falada. Os czares adotaram os caracteres da chamada língua hebraica para criar um meio de registrar por escrito sua fala. A adoção dos caracteres hebraicos não teve implicações raciais, políticas ou religiosas.

As nações ocidentais da Europa, então pouco civilizadas e sem um alfabeto para sua língua falada, adotaram o alfabeto da língua latina em circunstâncias semelhantes. Com a invasão da Europa Ocidental pelos romanos, a civilização e a cultura romanas foram introduzidas nessas regiões pouco desenvolvidas. Assim, o alfabeto latino foi adotado para as línguas francesa, espanhola, inglesa, sueca e muitas outras línguas da Europa Ocidental. Essas línguas eram completamente diferentes entre si, mas todas usavam o mesmo alfabeto. Os romanos trouxeram seu alfabeto juntamente com sua cultura para essas nações pouco civilizadas, exatamente da mesma forma que os rabinos trouxeram o alfabeto hebraico da Babilônia para os khazares, ao introduzirem a escrita para eles na forma do alfabeto do Talmud.

Desde a conquista dos khazares pelos russos e o desaparecimento do Reino Khazar, a língua dos khazares passou a ser conhecida como iídiche. Por cerca de seis séculos, os chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental referiam-se a si mesmos, ainda residindo em seus países nativos do leste europeu, como “iídiche” em termos de nacionalidade. Eles se identificavam como “iídiche” em vez de russos, poloneses, galicianos, lituanos, romenos, húngaros ou pela nação da qual eram cidadãos. Eles também chamavam a língua comum que todos falavam de “iídiche”. Hoje, em Nova Iorque, como você bem sabe, meu caro Dr. Goldstein, existem muitos jornais em iídiche, teatros em iídiche e várias outras organizações culturais de chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental, que se identificam publicamente pelo termo “iídiche” em seus títulos.

Antes de passar a ser conhecida como a língua “iídiche”, a língua materna dos khazares acrescentou muitas palavras ao seu vocabulário antigo e limitado conforme a necessidade surgia. Essas palavras foram adquiridas das línguas das nações vizinhas com as quais mantinham relações políticas, sociais ou econômicas. As línguas de todos os povos ampliam seus vocabulários da mesma maneira. Os khazares adaptaram palavras às suas necessidades provenientes do alemão, do eslavo e das línguas bálticas. Os khazares adotaram um grande número de palavras da língua alemã. Os alemães possuíam uma civilização muito mais avançada do que a de seus vizinhos khazares, e os khazares enviavam seus filhos para escolas e universidades alemãs.

A língua “iídiche” não é um dialeto alemão. Muitas pessoas são levadas a acreditar nisso porque o “iídiche” tomou emprestadas muitas palavras da língua alemã. Se o “iídiche” fosse um dialeto alemão adquirido dos alemães, então que língua falaram os khazares durante os mil anos em que existiram na Europa Oriental antes de adquirirem a cultura dos alemães? Os khazares deviam ter falado alguma língua quando invadiram a Europa Oriental. Qual era essa língua? Quando a descartaram? Como toda a população khazar pôde abandonar de repente uma língua e adotar outra? A ideia é absurda demais para ser discutida. O “iídiche” é o nome moderno da antiga língua-mãe dos khazares, à qual foram acrescentadas e adaptadas numerosas palavras das línguas alemã, eslava e báltica.

O “iídiche” não deve ser confundido com o “hebraico”, embora ambos usem os mesmos caracteres como alfabeto. Não há uma única palavra de “iídiche” no antigo “hebraico”, nem uma única palavra de antigo “hebraico” no “iídiche”. Como afirmei antes, são totalmente diferentes, assim como sueco e espanhol, que também usam os mesmos caracteres latinos para seus alfabetos. A língua “iídiche” é o denominador cultural comum a todos os chamados ou autodenominados “judeus” da Europa Oriental. Para esses judeus, o “iídiche” serve como o inglês serve para a população dos 48 estados dos Estados Unidos. O denominador cultural comum deles nos 48 estados é a língua inglesa, ou onde quer que emigrem e se estabeleçam. A língua inglesa é o elo que os une. O mesmo

ocorre com a língua “iídiche” e os chamados ou autodenominados “judeus” em todo o mundo.

O “iídiche” cumpre outro papel muito útil para os chamados ou autodenominados “judeus” em todo o mundo. Eles possuem no “iídiche” algo que nenhum outro grupo nacional, racial ou religioso pode reivindicar. Aproximadamente 90% dos chamados ou autodenominados “judeus” do mundo que vivem hoje em 42 países são ou emigrantes da Europa Oriental, ou filhos de pais que emigraram da Europa Oriental. O “iídiche” é uma língua comum a todos eles, seja como primeira ou segunda língua, dependendo do local de nascimento. É uma língua “internacional” para eles. Independentemente do país em que se estabeleçam, sempre encontrarão correligionários que também falam “iídiche”. O “iídiche” possui outras vantagens internacionais, óbvias demais para detalhar aqui. É a língua moderna de uma nação que perdeu sua existência como nação. O “iídiche” nunca teve uma implicação religiosa, embora utilize caracteres hebraicos em seu alfabeto. Não deve ser confundido com termos como “judaico” ou “judeu”. Mas, ainda assim, é muito importante.

Diretamente ao norte do Reino Khazar, no auge de seu poder, um pequeno estado eslavo foi organizado em 820 d.C. na costa sul do Golfo da Finlândia, onde deságua no Mar Báltico. Este pequeno estado foi fundado por um grupo reduzido de Varangianos provenientes da Península Escandinava, na margem oposta do Mar Báltico. A população nativa deste recém-formado estado era composta por eslavos nômades que haviam se estabelecido nessa região desde os registros históricos mais antigos. Essa nação recém-nascida era ainda menor que o nosso estado de Delaware Esse estado recém-nascido, no entanto, foi o embrião que se desenvolveu no grande Império Russo. Em menos de 1.000 anos desde 820 d.C., essa nação sintética expandiu suas fronteiras por meio de conquistas incessantes, até englobar hoje mais de 9.500.000 milhas quadradas na Europa e na Ásia — mais de três vezes a área dos Estados Unidos continentais —, e eles ainda não pararam.

Durante os séculos 10, 11, 12 e 13, a nação russa em rápida expansão engoliu gradualmente o Reino Khazar, seu vizinho diretamente ao sul. A conquista do Reino Khazar pelos russos fornece à história a explicação para a presença, após o século XIII, do grande número de chamados ou autodenominados “judeus” na Rússia. O grande número de chamados ou autodenominados “judeus” na Rússia e no leste da Europa, após a destruição do Reino Khazar, deixou de ser conhecido como khazares e passou a ser chamado de população “iídiche” desses diversos países. Eles ainda se referem a si mesmos assim hoje.

Nas muitas guerras com seus vizinhos na Europa após o século XIII, a Rússia foi obrigada a ceder a seus vencedores grandes áreas que originalmente faziam parte do Reino Khazar. Dessa forma, Polônia, Lituânia, Galícia, Hungria, Romênia e Áustria adquiriram da Rússia territórios que antes pertenciam ao Reino Khazar. Junto com esses territórios, essas nações passaram a abrigar parte da população de chamados ou autodenominados “judeus”, descendentes dos khazares que antes ocupavam essas regiões. Essas frequentes mudanças de fronteira pelos países do leste europeu explicam a presença, até hoje, de chamados ou autodenominados “judeus” em todos esses países, que todos traçam sua ascendência até os khazares convertidos.

Os chamados ou autodenominados “judeus” de origem da Europa Oriental compõem hoje pelo menos 90% da população total atual dos chamados ou autodenominados “judeus” no mundo. A conversão do rei Bulan e da nação khazar no século VII realizou para o “Talmudismo”, ou para o “Judaísmo”, como hoje se denomina o “Talmudismo”, o que a conversão de Constantino e das nações da Europa Ocidental realizou para o Cristianismo. O Cristianismo era uma crença religiosa pequena e comparativamente pouco importante, praticada principalmente na região do Mediterrâneo oriental, até a conversão à fé cristã das grandes populações das nações pagãs da Europa Ocidental após a conversão de Constantino. O “Talmudismo”, hoje conhecido como “Judaísmo”, recebeu o maior impulso de toda a sua história com a conversão da grande população pagã khazar no século VII. Sem essa conversão, é duvidoso que

essa tradição religiosa tivesse sobrevivido. Como código civil e religioso dos fariseus, provavelmente teria desaparecido — como tantos outros credos e cultos praticados naquela região antes, durante e depois de o farisaísmo alcançar posição de destaque na época de Jesus. O "Talmudismo", posteriormente denominado "Farisaísmo", teria desaparecido juntamente com os demais credos e cultos de sua época, não fosse a conversão dos khazares no século VII. Naquele momento, essa tradição religiosa já caminhava rapidamente para o completo esquecimento.

No ano de 986 d.C., o governante da Rússia, Vladimir III, converteu-se à fé cristã para poder casar-se com uma princesa eslava católica de um Estado soberano vizinho. De outro modo, o casamento seria impossível. Em seguida, Vladimir III também tornou sua recém-adotada fé cristã a religião oficial do Estado russo, substituindo o culto pagão praticado na Rússia desde sua fundação, em 820 d.C. Vladimir III e seus sucessores no governo da Rússia tentaram, em vão, converter seus chamados ou autodenominados "judeus", agora súditos russos, à religião cristã oficial do Estado e levá-los a adotar os costumes e a cultura da população cristã russa, numericamente predominante. Os chamados ou autodenominados "judeus" na Rússia recusaram-se e resistiram vigorosamente a esse plano. Rejeitaram a adoção do alfabeto russo em substituição aos caracteres hebraicos usados na escrita de sua língua "iídiche". Resistiram à substituição do russo pelo "iídiche" como língua materna. Oposicionaram-se a toda tentativa de promover a completa assimilação da antiga nação soberana khazar à nação russa. Eles resistiram por todos os meios ao seu alcance. As múltiplas tensões resultantes deram origem a situações que a história descreve como "massacres", "pogroms", "perseguições", discriminação, entre outros episódios semelhantes.

Na Rússia, nesse período da história, era costume — assim como em outros países cristãos da Europa na época — fazer um juramento, voto ou promessa de lealdade aos governantes, nobres, senhores feudais e outros, em nome de Jesus Cristo. Foi após a conquista dos khazares pelos russos que a redação da oração "Kol Nidre" (Todos os Votos) foi alterada. A nova

versão alterada da oração “Kol Nidre” é referida no Talmud como “a lei da revogação antecipada”. A oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) era considerada uma “lei”. O efeito dessa “LEI DA REVOGAÇÃO ANTECIPADA” concedia a todos os que a recitassem a cada ano, na véspera do Dia da Expiação, uma dispensa divina de todas as obrigações assumidas por meio de “juramentos, votos e promessas” a serem feitos ou assumidos no ANO SEGUINTE. A recitação da oração “Kol Nidre” na véspera do Dia da Expiação liberava esses chamados ou autodenominados “judeus” de qualquer obrigação decorrente de “juramentos, votos ou promessas” feitas durante os PRÓXIMOS DOZE MESES. Os “juramentos, votos e promessas” feitos ou assumidos pelos chamados ou autodenominados “judeus” eram feitos ou assumidos “com língua de fora” (sem ser levados a sério) por um período de doze meses.

A versão alterada da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) criou sérias dificuldades para os chamados ou autodenominados “judeus” quando sua redação se tornou de conhecimento público. Ao que parece, não permaneceu em segredo por muito tempo, embora o Talmud afirme que “a lei de revogação antecipada não foi tornada pública”. A versão alterada da oração “Kol Nidre” logo passou a ser conhecida como o “Voto dos Judeus” e lançou sérias dúvidas sobre os “juramentos, votos ou promessas” feitos aos cristãos pelos chamados ou autodenominados “judeus”. Os cristãos logo passaram a acreditar que os “juramentos, votos ou promessas” eram completamente inúteis quando feitos pelos chamados ou autodenominados “judeus”. Isso serviu de base para a chamada “discriminação” por parte de governos, nobres, senhores feudais e outros que exigiam juramentos de fidelidade e lealdade daqueles que entravam a seu serviço.

Foi feita uma tentativa inteligente de corrigir essa situação por um grupo de rabinos alemães em 1844. Naquele ano, eles convocaram uma conferência internacional de rabinos em Brunswick, na Alemanha. Tentaram fazer com que a oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) fosse completamente eliminada das cerimônias do Dia da Expiação, e totalmente abolida de qualquer serviço religioso de sua fé. Eles consideravam que esse prólogo secular às cerimônias do Dia da Expiação estava desprovido

de qualquer significado espiritual e não pertencia a nenhum ritual sinagogal. No entanto, a maioria preponderante dos rabinos presentes àquela conferência em Brunswick vinha da Europa Oriental. Eles representavam congregações de chamados ou autodenominados “judeus” de origem khazar convertida, falantes de iídiche, na Europa Oriental. Eles insistiram que a versão alterada da oração “Kol Nidre” (Todos os Votos) fosse mantida exatamente como era recitada naquele Dia da Expiação. Exigiram que fosse permitido que permanecesse como vinha sendo recitada na Europa Oriental desde a alteração feita por Meir ben Samuel seis séculos antes. Hoje, ela é recitada exatamente nessa forma em todo o mundo pelos chamados ou autodenominados “judeus”. Será que os 150.000.000 de cristãos nos Estados Unidos reagirão de maneira diferente quando se tornarem mais conscientes de suas insidiosas implicações?

Quão genuínas podem ser as implicações, inferências e insinuações dos chamados movimentos de “fraternidade” e “inter-religiosos” nessas circunstâncias? Esses chamados movimentos estão varrendo as nações como incêndios nas pradarias. Se o Talmud é o eixo das atitudes e atividades políticas, econômicas, culturais e sociais dos chamados ou autodenominados “judeus” que participam desses dois chamados movimentos, quão genuínos são os “juramentos, votos ou promessas” feitos ou assumidos em conexão com esses dois chamados movimentos pelos chamados ou autodenominados “judeus”? Seria um gesto supremo de “fraternidade” ou de “inter-religioso” se a Conferência Nacional de Cristãos e Judeus conseguisse eliminar do Talmud todas as passagens anti-Cristo, anticristãs e contra o cristianismo. A um custo de muitos milhões de dólares, a Conferência Nacional de Cristãos e Judeus conseguiu eliminar do Novo Testamento passagens que os chamados ou autodenominados “judeus” consideravam ofensivas à sua fé. Grande parte do custo foi fornecida pelos chamados ou autodenominados “judeus”. Os cristãos poderiam agora fornecer recursos para eliminar do Talmud passagens ofensivas à fé cristã. Caso contrário, os chamados movimentos de “fraternidade” e “inter-religiosos” não passam de zombarias.

A Conferência Nacional de Cristãos e Judeus poderia investigar os milhões de dólares que estão sendo investidos hoje pelos chamados ou autodenominados “judeus” para garantir que o Talmud continue sendo o eixo das atitudes e atividades políticas, econômicas, culturais e sociais dos chamados ou autodenominados “judeus” atualmente e para as futuras gerações. Violando o princípio básico de “fraternidade” e “inter-religioso”, os chamados ou autodenominados “judeus” estão gastando milhões de dólares a cada ano para construir e equipar locais onde os ensinamentos do Talmud possam ser inculcados na mente das crianças desde o momento em que elas aprendem a ler e escrever. Estas poucas notícias foram selecionadas de centenas semelhantes que aparecem diariamente em jornais por todo o país:

> “Dois novos Centros Judaicos, construídos ao custo de 300.000 dólares, serão abertos para 1.000 alunos em atividades diárias e de escola dominical no próximo mês, anunciou a Associated Talmud Torahs.” (Chicago Herald-Tribune, 19/08/50.) “O Departamento Escolar Yeshiva agora oferece durante o dia um currículo aprovado em inglês-hebraico para os anos 1 a 5 (idades de 5½ a 10 anos). O Talmud Torah da tarde abriu uma nova turma para iniciantes e está aceitando matrículas de alunos avançados, assim como de iniciantes.” (Jewish Voice, 18/09/53.)
>
> “RABINO FALARÁ SOBRE O TALMUD AOS HOMENS DO SHOLEM.
>
> O Dr. David Graubert, rabino presidente do Bet Din e professor de literatura rabínica no College of Jewish Studies, apresentará a primeira de sua série de quatro palestras, ‘O Mundo do Talmud’.” (Chicago Tribune, 29/10/53.)
>
> “MARYLAND CONCEDE GRAU EM TALMUD.
>
> Baltimore, (JTA). O New Israel Rabbinical College recebeu aqui autoridade da Maryland State Board of Education para conceder os títulos de Mestre em Direito Talmúdico e Doutor em Direito Talmúdico.” (Jewish Voice, 01/09/53.)

“AULAS DE TALMUD NO AR A PARTIR DE JERUSALÉM.

Palestras semanais de rádio sobre o Talmud, em inglês, estarão em breve disponíveis em gravações para estações locais nos Estados Unidos e Canadá, foi anunciado hoje.” (California Jewish Voice, 01/11/52.)

No início desta carta, meu caro Dr. Goldstein, você se lembra de ter lido uma citação da mais eminente autoridade sobre o Talmud, segundo a qual “O JUDEU MODERNO É UM PRODUTO DO TALMUD”. Surpreenderia você saber que muitos cristãos também são “PRODUTO DO TALMUD”? Os ensinamentos do Talmud são aceitos pelos cristãos nos escalões mais elevados. Citarei apenas um exemplo de alguém mencionado no Talmud: o ex-presidente dos Estados Unidos. Em 1951, o presidente Truman recebeu seu segundo conjunto dos “63 livros” do Talmud. Na ocasião de sua aceitação, os jornais divulgaram a seguinte notícia:

“O Sr. Truman nos agradeceu pelos livros e disse que estava satisfeito em recebê-los, pois ‘li muito mais dos que me foram apresentados há quatro anos do que muita gente pensa’. Ele afirmou que realmente lia bastante e que o livro que mais lia era o Talmud, que contém muito raciocínio sólido e boa filosofia de vida.”

O ex-presidente Truman diz que se beneficia de “muito raciocínio sólido” e de sua própria “boa filosofia de vida”, que absorve do “livro que mais lê”. Seu recente mandato refletiu seu estudo do Talmud. Ninguém familiarizado com o Talmud negará isso. Mas será que nosso ex-presidente Truman sabe que Jesus não sentia o mesmo que ele em relação ao Talmud? O “muito raciocínio sólido” e a “boa filosofia de vida” presentes no Talmud foram constantemente e enfaticamente denunciados por Jesus, sem meias palavras. O ex-presidente Truman deveria refrescar sua memória lendo as passagens do Novo Testamento em que Jesus se expressa sobre os fariseus e seu Talmud. Será que o Sr. Truman afirmaria, em sua opinião, que o Talmud era o “tipo de livro” do qual Jesus “tirou os ensinamentos que lhe permitiram revolucionar o mundo” em questões “morais e religiosas”?

Antes de deixar o Talmud como meu tema, gostaria de me referir à análise mais autêntica do Talmud já escrita. Você deveria obter um exemplar e lê-lo. Será amplamente recompensado pelo esforço de encontrar uma cópia. Posso lhe assegurar isso em dobro. O nome do livro é “The Talmud”. Foi escrito quase um século atrás, em francês, por Arsene Darmesteter. Em 1897, foi traduzido para o inglês pela célebre Henrietta Szold e publicado pela Jewish Publication Society of America, na Filadélfia. Henrietta Szold foi uma educadora e sionista de destaque e uma das mais notáveis e admiráveis chamadas ou autodenominadas “judeus” deste século. A tradução de Henrietta Szold de “The Talmud”, de Arsene Darmesteter, é um clássico. Você jamais compreenderá o Talmud enquanto não o tiver lido. Citarei dele apenas algumas passagens, de forma sucinta:

“Agora o judaísmo encontra sua expressão no Talmud, que não é uma sugestão remota nem um eco tênue dele, mas no qual ele se encarnou, no qual tomou forma, passando de um estado de abstração para o domínio das coisas reais. O ESTUDO DO JUDAÍSMO É O ESTUDO DO TALMUD, ASSIM COMO O ESTUDO DO TALMUD É O ESTUDO DO JUDAÍSMO... SÃO DUAS COISAS INSEPARÁVEIS, OU MELHOR, SÃO UMA E A MESMA COISA… Assim, o Talmud é a expressão mais completa do movimento religioso, e esse código de prescrições intermináveis e cerimoniais minuciosos representa, em sua perfeição, a obra total da ideia religiosa... O milagre foi realizado por um livro, o Talmud... O Talmud, por sua vez, é composto de duas partes distintas, a Mishna e a Gemara; a primeira é o texto, a segunda, o comentário sobre o texto… Pelo termo Mishna designamos UMA COLETÂNEA DE DECISÕES E LEIS TRADICIONAIS, ABRANGENDO TODOS OS RAMOS DA LEGISLAÇÃO, CIVIL E RELIGIOSA... Esse código, que foi obra de várias gerações de rabinos... Nada, de fato, pode IGUALAR A IMPORTÂNCIA DO TALMUD, a não ser a ignorância que prevalece a seu respeito... Isso explica como acontece de uma única página do Talmud conter três ou quatro línguas diferentes, ou melhor, exemplos de uma mesma língua em três ou quatro estágios de degeneração… Muitas vezes, uma Mishna de cinco ou seis linhas é acompanhada de cinquenta ou sessenta páginas de explicação... é Lei em toda a sua autoridade; constitui

dogma e culto; é o elemento fundamental do Talmud... O ESTUDO DIÁRIO DO TALMUD, QUE ENTRE OS JUDEUS COMEÇAVA AOS DEZ ANOS E IA ATÉ O FIM DA VIDA, era necessariamente uma severa ginástica para a mente, graças à qual ELA ADQUIRIA INCOMPARÁVEL SUTILEZA E ACUIDADE... POIS ASPIRA A UMA COISA: ESTABELECER PARA O JUDAÍSMO UM 'CORPUS JURIS ECCLESIASTICI'."

As citações acima foram extraídas de um tratado destinado a adoçar a imagem do Talmud. Ao pintar um quadro elogioso do Talmud, o autor não pôde deixar de mencionar também os fatos acima. Vindos dessa fonte e nessas circunstâncias, os fatos expostos não acrescentam glória ao Talmud.

"The Talmud Unmasked, The Secret Rabbinical Teachings Concerning Christians" foi escrito pelo Rev. I. B. Pranaitis, Mestre em Teologia e Professor da Língua Hebraica na Academia Eclesiástica Imperial da Igreja Católica Romana, na antiga São Petersburgo, Rússia. O Rev. Pranaitis foi o maior dos estudiosos do Talmud. Seu domínio completo da língua hebraica o qualificava para analisar o Talmud como poucos homens na história.

O Rev. Pranaitis examinou minuciosamente o Talmud em busca de passagens referentes a Jesus, aos cristãos e à fé cristã. Essas passagens foram por ele traduzidas para o latim. O hebraico presta-se melhor à tradução para o latim do que diretamente para o inglês. A tradução das passagens do Talmud referentes a Jesus, aos cristãos e à fé cristã foi impressa em latim pela Academia Imperial de Ciências, em São Petersburgo, em 1893, com o Imprimatur de seu Arcebispo. A tradução do latim para o inglês foi feita por renomados estudiosos de latim nos Estados Unidos, em 1939, com recursos fornecidos por americanos abastados para esse fim.

Para não deixar nenhuma ponta solta quanto às referências do Talmud a Jesus, aos cristãos e à fé cristã, apresentarei abaixo um resumo das traduções para o inglês feitas a partir dos textos latinos de "The Talmud Unmasked, The Secret Rabbinical Teachings Concerning Christians", do

Rev. Pranaitis. Seria necessário espaço demais para citar essas passagens na íntegra, com suas notas de rodapé, a partir da edição Soncino em inglês.

Primeiro, farei um resumo das referências apresentadas pelo Rev. Pranaitis a respeito de Jesus no Talmud, com base nos textos originais por ele traduzidos para o latim e, do latim, para o inglês:

- Sanhedrin, 67a — Jesus é referido como filho de Pandira, um soldado.
- Kallah, 1b (18b) — Ilegítimo e concebido durante a menstruação.
- Sanhedrin, 67a — Enforcado na véspera da Páscoa. Toldath Jeschu. O nascimento é relatado nas expressões mais vergonhosas.
- Abhodah Zarah II — Referido como filho de Pandira, um soldado romano.
- Schabbath XIV — Novamente referido como filho de Pandira, o romano.
- Sanhedrin, 43a — Na véspera da Páscoa, enforcaram Jesus.
- Schabbath, 104b — Chamado de tolo, e ninguém dá atenção aos tolos.
- Toldoth Jeschu — Judas e Jesus envolveram-se em uma disputa com imundície.
- Sanhedrin, 103a — Sugere-se que corrompeu seus costumes e desonrou a si mesmo.
- Sanhedrin, 107b — Seduziu, corrompeu e levou Israel à perdição.
- Zohar III, (282) — Morreu como um animal e foi sepultado em um monte de esterco de animais.
- Hilkoth Melakhim — Tentou provar que os cristãos erram ao adorar Jesus.
- Abhodah Zarah, 21a — Referência à indesejável prática de adorar Jesus nos lares.
- Orach Chaiim, 113 — Evitar a aparência de prestar respeito a Jesus.

- Iore Dea, 150,2 — Não dar sequer a impressão acidental de prestar respeito a Jesus.
- Abhodah Zarah, 6a — Falsos ensinamentos para adorar no primeiro dia do sábado.

As referências acima são apenas algumas selecionadas de um arranjo muito complicado, no qual muitas alusões são obscurecidas por raciocínios intrincados. A seguir estão algumas referências resumidas aos cristãos e à fé cristã, embora nem sempre expressas exatamente nesses termos. Há onze nomes usados no Talmud para designar os que não seguem o Talmud, pelos quais se entendem os cristãos. Além de Nostrim, derivado de Jesus, o Nazareno, os cristãos são chamados por todos os nomes usados no Talmud para designar os não "judeus": Minim, Edom, Abhodan Zarah, Akum, Obhde Elilim, Nokrim, Amme Haarets, Kuthim, Apikorosim e Goim. Além de fornecer os nomes pelos quais os cristãos são chamados no Talmud, as passagens citadas abaixo indicam que tipo de pessoas o Talmud retrata os cristãos como sendo e o que o Talmud afirma a respeito do culto religioso dos cristãos:

- Hilkhoth Maakhaloth — Cristãos são idólatras; não se deve associar-se a eles.
- Abhodah Zarah, 22a — Não se associar com gentios; eles derramam sangue.
- Iore Dea, 153, 2 — Não se deve associar com cristãos; derramam sangue.
- Abhodah Zarah, 25b — Cuidado com os cristãos ao caminhar em companhia deles.
- Orach Chaiim, 20, 2 — Cristãos disfarçam-se para matar judeus.
- Abhodah Zarah, 15b — Sugere que cristãos mantêm relações sexuais com animais.
- Abhodah Zarah, 22a — Suspeitar que cristãos tenham relações com animais.

- Schabbath, 145b — Cristãos são impuros porque comem de acordo com seus próprios costumes.
- Abhodah Zarah, 22b — Cristãos são impuros porque não estiveram no Monte Sinai.
- Iore Dea, 198, 48 — Mulheres judias puras tornam-se contaminadas ao encontrar cristãos.
- Kerithuth, 6b (p. 78) — Os Judeus são os únicos chamados homens; cristãos não são chamados de homens (descendentes de Adam).
- Makkoth, 7b — Considerado inocente de homicídio se a intenção era matar um cristão.
- Orach Chaiim, 225, 10 — Cristãos e animais são agrupados para fins de comparação.
- Midrasch Talpioth, 225 — Cristãos foram criados para sempre servir aos judeus.
- Orach Chaiim, 57, 6a — Cristãos devem ser mais lastimados do que porcos doentes.
- Zohar II, 64b — Cristãos idólatras são comparados a vacas e jumentos.
- Kethuboth, 110b — O salmista compara os cristãos a animais impuros.
- Sanhedrin, 74b, Tos. — A relação sexual de um cristão é comparada à de um animal.
- Kethuboth, 3b — O sêmen do cristão é considerado como o sêmen de um animal.
- Kidduschim, 68a — Cristãos são como o povo de um jumento.
- Eben Haezar, 44, 8 — Casamentos entre cristãos e judeus são nulos.
- Zohar II, 64b — A taxa de natalidade cristã deve ser materialmente reduzida.
- Zohar I, 28b — Cristãos idólatras são filhos da serpente de Eva.

- Zohar I, 131a — Povos idólatras (cristãos) contaminam o mundo.
- Emek Haschanach, 17a — As almas dos não judeus provêm da morte e da sombra da morte.
- Zohar I, 46b, 47a — As almas dos gentios têm origens divinas impuras.
- Rosch Haschanach, 17a — As almas dos não judeus descem ao inferno.
- Iore Dea, 337, 1 — Substituir cristãos mortos como se substitui uma vaca ou um jumento perdidos.
- Iebhammoth, 61a — Judeus são chamados homens, mas cristãos não são chamados homens.
- Abhodah Zarah, 14b, Tos. — É proibido vender obras religiosas a cristãos.
- Abhodah Zarah, 78 — Igrejas cristãs são lugares de idolatria.
- Iore Dea, 142, 10 — Deve-se manter distância física das igrejas.
- Iore Dea, 142, 15 — Não se deve ouvir música de igreja nem olhar para ídolos.
- Iore Dea, 143, 1 — Não se deve reconstruir casas destruídas nas proximidades de igrejas.
- Hilkoth Abh. Zar, 10b — Judeus não devem revender cálices quebrados a cristãos.
- Chullin, 91b — Judeus possuem uma dignidade que nem mesmo um anjo pode compartilhar.
- Sanhedrin, 58b — Ferir um israelita é como esbofetear o rosto de Deus.
- Chagigah, 15b — Um judeu é considerado bom apesar dos pecados que comete.
- Gittin, 62a — O judeu deve manter-se afastado das casas de cristãos em dias de festa.

- Choschen Ham., 26, 1 — O judeu não deve recorrer a um juiz cristão nem às leis cristãs.
- Choschen Ham., 34, 19 — Cristão ou servo não pode tornar-se testemunha.
- Iore Dea, 112, 1 — Evitar comer com cristãos, pois isso gera familiaridade.
- Abhodah Zarah, 35b — Não beber leite de vaca ordenhada por cristão.
- Iore Dea, 178, 1 — Nunca imitar os costumes dos cristãos, nem mesmo ao pentear o cabelo.
- Abhodah Zarah, 72b — Vinho tocado por cristãos deve ser descartado.
- Iore Dea, 120, 1 — Utensílios comprados de cristãos devem ser descartados.
- Abhodah Zarah, 2a — Durante três dias antes das festas cristãs, evitar qualquer contato.
- Abhodah Zarah, 78c — Festas dos seguidores de Jesus são consideradas idolatria.
- Iore Dea, 139, 1 — Evitar objetos usados pelos cristãos em seu culto.
- Iore Dea, 14b — Proibido vender aos cristãos artigos destinados ao culto.
- Iore Dea, 151, 1 (H.) — Não vender água aos cristãos para uso em batismos.
- Abhodah Zarah, 2a (1) — Não negociar com cristãos em seus dias de festa.
- Abhodah Zarah, 1, 2 — Posteriormente permitido negociar com cristãos nesses dias.
- Abhodah Zarah, 2a (T.) — Permite-se negociar com cristãos porque possuem dinheiro para pagar.

- Iore Dea, 148, 5 — Se o cristão não for devoto, pode-se enviar-lhe presentes.
- Hilkoth Akum, IX, 2 — Enviar presentes a cristãos apenas se forem irreligiosos.
- Iore Dea, 81, 7 (Ha.) — Evitar amas de leite cristãs por serem consideradas perigosas.
- Iore Dea, 153, 1 (H.) — Ama cristã poderia conduzir a criança à heresia.
- Iore Dea, 155, 1 — Evitar médicos cristãos que não sejam bem conhecidos pelos vizinhos.
- Pesachim, 25a — Evitar ajuda médica de idólatras (interpretado como cristãos).
- Iore Dea, 156, 1 — Evitar barbeiros cristãos, a menos que acompanhado por judeus.
- Abhodah Zarah, 26a — Evitar parteiras cristãs, consideradas perigosas quando a sós.
- Zohar (I, 25b) — Aqueles que fazem o bem aos cristãos nunca se levantam quando mortos.
- Hilkoth Akum (X, 6) — Ajudar cristãos necessitados se isso promover a paz.
- Iore Dea (148, 12 H) — Ocultar o ódio pelos cristãos em suas celebrações.
- Abhodah Zarah (20a) — Nunca elogiar cristãos para que não se acredite ser verdade.
- Iore Dea (151, 14) — Não é permitido elogiar cristãos para aumentar sua glória.
- Hilkoth Akum (V, 12) — Citar as Escrituras para proibir mencionar o deus cristão.

- Iore Dea (146, 15) — Referir-se aos artigos religiosos cristãos com desprezo.
- Iore Dea (147, 5) — Zombar dos artigos religiosos cristãos sem lhes dirigir votos.
- Hilkoth Akum (X, 5) — Nenhum presente a cristãos; presentes apenas a convertidos.
- Iore Dea (151, 11) — Presentes são proibidos aos cristãos, pois encorajam amizade.
- Iore Dea (335, 43) — Exílio para o judeu que vende propriedade rural a cristão.
- Iore Dea (154, 2) — Proibido ensinar um ofício a um cristão.
- Babha Bathra (54b) — A propriedade de cristão pertence à primeira pessoa que a reivindicar.
- Choschen Ham (183, 7) — Manter o valor que o cristão pagar a mais por engano.
- Choschen Ham (226, 1) — O judeu pode ficar com propriedade perdida de cristão encontrada por judeu.
- Babha Kama (113b) — É permitido enganar cristãos.
- Choschen Ham (183, 7) — Judeus devem dividir entre si o que cobrarem a mais de cristãos.
- Choschen Ham (156, 5) — Judeus não devem tomar clientes cristãos de outros judeus.
- Iore Dea (157, 2 H.) — Pode-se enganar cristãos que acreditam nos princípios cristãos.
- Abhodah Zarah (54a) — A usura pode ser praticada contra cristãos ou apóstatas.
- Iore Dea (159, 1) — A usura agora é permitida, por qualquer motivo, contra cristãos.

- Babha Kama (113a) — O judeu pode mentir e cometer perjúrio para condenar um cristão.
- Babha Kama (113b) — O nome de Deus não é profanado ao mentir para cristãos.
- Kallah (1b, p. 18) — O judeu pode cometer perjúrio com a consciência tranquila.
- Schabbouth Hag. (6d) — Judeus podem jurar falsamente por meio de formulação enganosa.
- Zohar (I, 160a) — Judeus devem sempre tentar enganar cristãos.
- Iore Dea (158, 1) — Não curar cristãos, a menos que isso evite inimizade.
- Orach Chaiim (330, 2) — Não auxiliar no parto de criança cristã no sábado.
- Choschen Ham. (425, 5) — A menos que creia na Torá, não se deve impedir sua morte.
- Iore Dea (158, 1) — Cristãos que não sejam inimigos também não devem ser salvos.
- Hilkhoth Akum (X, 1) — Não salvar cristãos que estejam em perigo de morte.
- Choschen Ham (386, 10) — Um espião pode ser morto mesmo antes de confessar.
- Abhodah Zarah (26b) — Apóstatas devem ser lançados em um poço e não resgatados.
- Choschen Ham (388, 15) — Matar aqueles que entregam dinheiro de israelitas a cristãos.
- Sanhedrin (59a) — Investigar a “Lei” dos judeus implica pena de morte.
- Hilkhoth Akum (X, 2) — Judeus batizados devem ser condenados à morte.

- Iore Dea (158, 2) (Hag.) — Matar renegados que adotem rituais cristãos.
- Choschen Ham (425, 5) — Aqueles que não creem na Torá devem ser mortos.
- Hilkhoth Teshuvah (III, 8) — Cristãos e outros negam a “Lei” da Torá.
- Zohar (I, 25a) — Cristãos devem ser destruídos como idólatras.
- Zohar (II, 19a) — O cativeiro dos judeus termina quando os príncipes cristãos morrem.
- Zohar (I, 219b) — Os príncipes dos cristãos são idólatras e devem morrer.
- Obadiah — Quando Roma for destruída, Israel será redimido.
- Abhodah Zarah (26b) (T.) — “Mesmo o melhor dos goim deve ser morto.”
- Sepher Or Israel (177b) — Se um judeu mata um cristão, não comete pecado.
- Ialkut Simoni (245c) — Derramar o sangue dos ímpios oferece sacrifício a Deus.
- Zohar (II, 43a) — A exterminação dos cristãos é um sacrifício necessário.
- Zohar (I, 28b; 39a) — Lugar elevado no céu para aqueles que matam idólatras.
- Hilkhoth Akum (X, 1) — Não fazer acordos nem demonstrar misericórdia aos cristãos.
- Hilkhoth Akum (X, 1) — Ou afastá-los de seus ídolos ou matá-los.
- Hilkhoth Akum (X, 7) — Não permitir que idólatras permaneçam onde os judeus são fortes.
- Choschen Ham (388, 16) — Todos devem contribuir para a despesa de matar um traidor.

- Pesachim (49b) — Não há necessidade de orações ao decapitar no sábado.
- Schabbath (118a) — Orações para salvar do castigo do Messias vindouro.

Na Biblioteca do Congresso e na Biblioteca Pública de Nova York, salvo se tiver sido recentemente removido, você pode encontrar um exemplar de *"The Talmud Unmasked, The Secret Rabbinical Teachings Concerning Christians"* do Rev. I. B. Pranaitis. Um exemplar da obra original impressa em São Petersburgo, Rússia, em 1892, pode ser disponibilizado a você por nosso amigo em comum, caso tenha interesse em ler as passagens acima no texto hebraico original com sua tradução para o latim. Confio que meus resumos explicam corretamente o texto original. Acredito que sim. Se eu estiver equivocado de alguma forma, peço a gentileza de me informar. Foi muito difícil reduzi-los a resumos breves.

A Conferência Nacional de Cristãos e Judeus não precisa examinar os "63 livros" do Talmud para descobrir todas as passagens anti-Cristo, anti-cristãs e contra a fé cristã nos livros que são "O CÓDIGO LEGAL QUE FORMA A BASE DA LEI RELIGIOSA JUDAICA" e que é "O LIVRO-TEXTO UTILIZADO NA FORMAÇÃO DE RABINOS". Eles também podem levar em consideração que, como o rabino Morris Kertzer também observa, conforme explicado anteriormente, "ADULTOS TAMBÉM ESTUDAM ESCRITOS ANTIGOS… EM… DISCUSSÃO EM GRUPO DO TALMUD ANTES DA ORAÇÃO DA NOITE". Se a Conferência Nacional de Cristãos e Judeus está genuinamente interessada em "diálogo inter-religioso" e "fraternidade", não acha o senhor, meu caro Dr. Goldstein, que eles deveriam exigir que se inicie imediatamente a remoção do Talmud das passagens anti-Cristo, anti-cristãs e contra o cristianismo, da mesma maneira "fraterna" como removeram passagens do Novo Testamento? O senhor poderia perguntar-lhes?

Em todo o mundo, o Oxford English Dictionary é aceito como a fonte mais autorizada e autêntica de informação sobre a origem, definição e uso das palavras na língua inglesa. Autoridades em todos os campos, em toda

parte, aceitam que o Oxford English Dictionary deixa claro que “Judaist” e “Judaic” são as formas corretas para os usos impróprios, incorretos e enganosos de “Jews” e “Jewish”. O senhor concordará plenamente com o Oxford English Dictionary se considerar a questão cuidadosamente. “Judaist” e “Judaic” são corretos. “Jews” e “Jewish” são incorretos. “Jew” e “Jewish” não pertencem à língua inglesa se o uso das palavras corretas for de interesse dos povos de língua inglesa.

Os chamados ou autodenominados “Jews” não podem descrever-se com veracidade como “Jews”, porque não são, em nenhum sentido, “Judeanos”. Eles podem identificar-se corretamente por sua crença religiosa, se assim desejarem, identificando-se como “Judaists”. Um “Judaist” é uma pessoa que professa o chamado “Judaism” como sua crença religiosa, segundo o Oxford English Dictionary. A origem de “Jew” não tem suas raízes em “Judaism”, como explicado. A forma adjetiva de “Judaist” é “Judaic”. “Jewish”, como adjetivo, é tão incorreto quanto “Jew” é como substantivo. “Jewish” não tem razão para existir.

Publicidade bem planejada e bem financiada por chamados ou autodenominados “Jews” nos países de língua inglesa, nos séculos XVIII, XIX e XX, criou ampla aceitação e uso de “Jewish”. “Jewish” está sendo usado hoje de muitas maneiras que não são menos fantasiosas e grotescas do que incorretas e imprecisas. “Jewish” é usado hoje para descrever tudo, desde “sangue judeu”, seja lá o que isso signifique, até “pão de centeio judeu”, por mais estranho que isso possa soar. As muitas implicações, inferências e insinuações de “Jewish” hoje, resultantes de seus usos comerciais, desafiam qualquer descrição.

Na reunião anual de 1954 da St. Paul Guild, realizada no Plaza Hotel, na cidade de Nova York, diante de mais de 1.000 católicos, um padre católico romano, que era o principal orador e convidado de honra, referiu-se ao “meu sangue judeu”. Acontece que esse padre nasceu como um chamado ou autodenominado “Jews” na Europa Oriental e foi convertido ao catolicismo ali cerca de 25 anos atrás. Parece singular que um sacerdote que professa o catolicismo há tanto tempo mencione “meu sangue judeu” a católicos. As transmissões de rádio e os anúncios ao ar livre proclamam

“Levy’s Jewish Rye Bread”, na mesma cidade e ao mesmo tempo. Entre esses dois extremos há inúmeros outros produtos e serviços que se anunciam, na imprensa, no rádio e na televisão, como “Jewish”.

Esse sacerdote que fala a católicos sobre “meu sangue judeu” quando se dirige a audiências também se refere ao “sangue judeu” de Maria, Santa Mãe de Jesus, ao “sangue judeu” dos Apóstolos e ao “sangue judeu” dos primeiros cristãos. O que ele quer dizer com “meu sangue judeu” deixa perplexos os católicos que o ouvem. Eles perguntam: “O que é ‘sangue judeu’?” Perguntam o que acontece com o “sangue judeu” quando chamados ou autodenominados “Jews” se convertem ao catolicismo. E, no caso extremo, quando um chamado ou autodenominado “Jew” se torna sacerdote católico romano? Como o “sangue judeu” seria biologicamente diferente do sangue de pessoas que professam outras religiões, eles perguntam. É difícil para mim acreditar que haja algo biologicamente diferente que determine características típicas de uma crença religiosa específica. As características raciais e nacionais inerentes seriam determinadas pelo dogma ou pela doutrina religiosa?

A palavra “Jewess” levanta uma questão semelhante. Se “Jewess” é o feminino de “Jew”, devo admitir que não consegui encontrar designação feminina, assim como masculina, para pessoas que professam qualquer crença religiosa além do chamado “Judaism”. Há alguma outra que o senhor conheça? Procurei o feminino de catolicismo, protestantismo, hinduísmo, islamismo e outros, mas sem sucesso. Parece muito popular atualmente referir-se a Maria, Santa Mãe de Jesus, como “Jewess”. Realmente parece irrealista identificar o sexo dos membros de qualquer crença religiosa por designações apropriadas. Se a palavra “Jew” é considerada descritiva de uma raça ou de uma nação, como frequentemente ocorre, é igualmente irrealista indicar o sexo dos membros de uma raça ou de uma nação por um sufixo usado para esse propósito. Não conheço nenhum caso nesse sentido, exceto “Negress”, e a raça negra se opõe fortemente ao uso dessa designação, e com razão.

Outra palavra está criando mais problemas entre os cristãos. Refiro-me a “Judeo-Christian”. Você a vê cada vez mais, dia após dia. Com base em

nosso conhecimento atual da história, e no bom senso aplicado à teologia, o termo “Judeo-Christian” apresenta uma combinação estranha. “Judeo” refere-se ao antigo “Farisaísmo”, ou ao “Talmudismo”, ou ao chamado “Judaism”? À luz do que sabemos hoje, como pode existir algo “Judeo-Christian”? Com base no que se sabe agora, “Judeo-Christian” é tão irreal quanto seria dizer que algo é “quente-frio”, ou “velho-jovem”, ou “pesado-leve”, ou que uma pessoa é “saudável-doente”, ou “pobre-rica”, ou “burro-inteligente”, ou “ignorante-educado”, ou “feliz-triste”. Essas palavras são antônimos, não sinônimos. “Judeo-Christian”, à luz de fatos incontestáveis, também é antônimo, não sinônimo, como os chamados ou autodenominados “Jews” gostariam que os cristãos acreditassem. Mais areia para os olhos dos cristãos.

Um “Instituto de Estudos Judeo-Cristãos” foi estabelecido pela Universidade Seton Hall. Na realidade, é um “instituto de uma só pessoa”. O Padre John M. Oesterreicher é o “instituto de uma só pessoa”. O “Instituto de Estudos Judaico-Cristãos” ocupa um pequeno escritório em um prédio comercial no centro de Newark, N.J. Esse “instituto de uma só pessoa”, segundo a literatura deles, não possui corpo docente além do Padre Oesterreicher, nem estudantes. O Padre Oesterreicher nasceu como um chamado ou autodenominado “Jew” e tornou-se convertido ao catolicismo. Tive o prazer de ouvi-lo falar em muitas ocasiões. As palestras do Padre Oesterreicher e a correspondência enviada por ele constituem as principais atividades do “Instituto de Estudos Judaico-Cristãos”. O Padre Oesterreicher também planeja publicar livros e distribuí-los pelo mundo em grandes quantidades.

O Padre Oesterreicher não poupa esforços para convencer os católicos de que “Judaeo-Christian” é a combinação de duas palavras que são sinônimos teologicamente. Nada poderia estar mais longe da verdade. O Padre Oesterreicher imprime esse ponto de vista em suas audiências católicas. O Padre Oesterreicher fala apenas para audiências católicas, pelo que posso perceber. Em suas palestras, o Padre Oesterreicher imprime nos católicos a opinião que pessoalmente sustenta sobre a questão da

dependência da fé cristã em relação ao chamado “Judaism”. Suas audiências saem das palestras do Padre Oesterreicher bastante confusas.

Seria melhor para os católicos que compõem as audiências do Padre Oesterreicher se ele “vendesse” Jesus e a Igreja Católica, em vez de tentar “vender” o chamado “Judaism” para suas audiências. Publicidade bem planejada e bem financiada por chamados ou autodenominados “Jews” consegue manter os cristãos bem informados sobre o chamado “Judaism”. Se o Padre Oesterreicher se concentrasse em “vender” Jesus e a fé cristã para audiências de chamados ou autodenominados “Jews”, ele estaria fazendo mais para alcançar os objetivos do esforço cristão. As atividades deste “Instituto de um homem só” são um tanto misteriosas. Mas tenho certeza de que Monsenhor McNulty nunca permitirá que o “Instituto de Estudos Judaico-Cristãos” comprometa o excelente histórico da Seton Hall como uma das principais universidades católicas do mundo. No entanto, suas ações devem ser acompanhadas, e Monsenhor McNulty sempre apreciará comentários construtivos.

A palavra “anti-semitismo” é outro termo que deveria ser eliminado da língua inglesa. “Anti-semitismo” serve hoje a apenas um propósito. É usado como uma “palavra difamatória”. Quando chamados ou autodenominados “Jews” sentem que alguém se opõe a qualquer um de seus objetivos, eles desacreditam suas vítimas aplicando os termos “anti-semita” ou “anti-semítico” por todos os canais que têm à sua disposição e sob seu controle. Posso falar com grande autoridade sobre esse assunto. Como chamados ou autodenominados “Jews” não conseguiram refutar minhas declarações públicas em 1946 a respeito da situação na Palestina, eles gastaram milhões de dólares para me “difamar” como um “anti-semita”, na esperança de desacreditar-me aos olhos do público, que estava muito interessado no que eu tinha a dizer. Até 1946, eu era um “pequeno santo” para todos os chamados ou autodenominados “Jews”. Quando discordei publicamente deles sobre as intenções sionistas na Palestina, de repente me tornei o “Anti-semita nº 1”.

É vergonhoso ver o clero cristão adotar o uso da palavra “anti-semitismo”. Eles deveriam saber melhor. Sabem que “anti-semitismo” é

uma palavra sem sentido no uso que se faz dela hoje. Sabem que a palavra correta é “judaefobia”. “Anti-semita” tornou-se a “palavra difamatória” que é hoje porque “semita” está associada a Jesus na mente dos cristãos. Os cristãos são cúmplices na destruição da fé cristã ao tolerarem o uso da palavra difamatória “anti-semita” para silenciar, pelos mais intolerantes meios de perseguição que empregam essa palavra difamatória, os cristãos que se opõem aos conspiradores malignos.

Sem dúvida, isso o entristece tanto quanto a mim, meu caro Dr. Goldstein, ver os padrões morais de nossa nação afundarem a cada dia a novos níveis históricos. Disso há muito pouco a duvidar. Os padrões morais desta nação nos campos político, econômico, social e espiritual são os fatores que determinarão a posição que ocuparemos nos assuntos mundiais. Seremos julgados com base nisso, de longe, pelos outros 94% da população total do mundo. Nosso 6% da população total do mundo terá sucesso ou fracassará em seus esforços para manter a liderança mundial de acordo com nossos padrões morais, porque, em última análise, eles influenciam as atitudes e atividades da nação. Os padrões morais são o cadinho no qual o caráter da nação é refinado e moldado. O produto final nunca será melhor do que os ingredientes utilizados. É algo sobre o qual vale a pena refletir.

Há muito pelo qual este país cristão ainda pode se orgulhar. Mas há também muito pelo qual não podemos nos orgulhar. Um diagnóstico correto dos padrões morais rapidamente deteriorados de nossa nação em todos os campos da vida revelará a causa: a atual psicose da nação de se concentrar principalmente em como (1) “ganhar MAIS dinheiro” e (2) “ter MAIS diversão”. Quantas pessoas você conhece pessoalmente que incluem entre seus deveres diários o serviço e o sacrifício na defesa contra seus inimigos daquele direito inestimável de nascimento, que é a herança dada por Deus a todos os que têm a bênção de nascer americanos? Que serviços? Que sacrifícios?

Com pouquíssimas exceções, esta geração parece considerar tudo secundário em relação à nossa responsabilidade para com as gerações futuras pelo descumprimento da fé e pela traição da nossa confiança para

com a posteridade. O sabotamento dos padrões morais da nossa nação é mais uma consequência do programa dessa conspiração hostil do que um acidente na contínua marcha da humanidade em direção a uma existência mais fácil. A orientação e o controle do lugar desta nação na história têm, por omissão, gravitado para as mãos das pessoas menos dignas dessa tutela. Essa realização notável por parte deles é a sua recompensa pelo sucesso em obter numerosos e eficazes “prostitutos masculinos” cristãos para servirem de “fachada” em seu favor. Muitos desses eficazes “prostitutos masculinos” cristãos estão espalhados pelo país em assuntos públicos, comprometendo a segurança da fé cristã e a estabilidade política, social e econômica da nação.

Um “prostituto masculino” é um homem que oferece as faculdades de sua anatomia “do pescoço para cima” para quem pagar seu “preço pedido”, exatamente como a fêmea da mesma espécie oferece as faculdades de sua anatomia “do pescoço para baixo” a quem pagar seu “preço pedido”. Milhares desses pseudo-“prostitutos masculinos” cristãos circulam livremente, sem serem reconhecidos, em todos os setores da vida, promovendo com orgulho propaganda perniciosa em troca de lucro pecuniário e poder político. Eles são o “cão no cocho”. O efeito corrosivo de sua intriga sutil está, lenta mas seguramente, desintegrando a fibra moral da nação. Esse perigo à fé cristã não pode ser superestimado. Esse risco para a nação não deve ser subestimado. O clero cristão deve permanecer atento a ele.

O “crime dos crimes” internacional de toda a história, aquela iniquidade repreensível na qual esta nação desempenhou o papel principal, foi cometido na Palestina quase totalmente como resultado da interferência dos Estados Unidos nessa situação em favor exclusivamente da organização sionista mundial, com sede na cidade de Nova Iorque. A interferência dos Estados Unidos nessa situação em favor dos agressores ilustra o poder exercido sobre as políticas internas e externas deste governo pelos “prostitutos masculinos” que atuam destemidamente em favor dos conspiradores sionistas. É a página mais negra da nossa história.

A responsabilidade por essa “causa” não-cristã, anti-cristã e contrária ao cristianismo pode ser honestamente atribuída à porta do clero cristão. Eles devem assumir a culpa total por esse crime desumano e profano cometido em nome da “caridade” cristã. Domingo após domingo, ano após ano, o clero cristão martelou nos ouvidos de 150.000.000 de cristãos que frequentam a igreja regularmente que os cristãos devem considerar como seu “dever cristão” apoiar a conspiração sionista para a conquista da Palestina. Bem, nós “semamos o vento”, agora colheremos a tempestade.

Os 150.000.000 de cristãos nos Estados Unidos foram “pressionados” pelo clero cristão a dar seu apoio incondicional ao programa sionista de “repatriar” para sua “terra natal” na Palestina os chamados ou autodenominados “judeus” do leste europeu, que eram descendentes dos czares. Os cristãos foram exortados pelo clero cristão a considerar os chamados ou autodenominados “judeus” do leste europeu como o “povo escolhido” de Deus e a Palestina como sua “Terra Prometida”. Mas eles sabiam melhor o tempo todo. Era uma questão de ganância, não de estupidez, disso você pode ter certeza.

Como resultado direto das atividades dos “prostitutos masculinos” em favor do programa sionista, e em desacordo com todo o direito internacional, a justiça e a equidade, qualquer coisa em contrário não obstante, os 150.000.000 de cristãos nos Estados Unidos, com poucas exceções, exigiram que o Congresso dos Estados Unidos usasse o prestígio e o poder desta nação — diplomático, econômico e militar — para garantir o êxito do programa sionista para a conquista da Palestina. Isso foi feito, e os sionistas conquistaram a Palestina. Somos responsáveis.

É um fato histórico bem estabelecido e inegável que a participação ativa dos Estados Unidos na conquista da Palestina, em favor dos sionistas, foi o fator responsável pela conquista da Palestina pelos sionistas. Sem a participação ativa dos Estados Unidos em favor dos sionistas, é certo que os sionistas nunca teriam tentado a conquista da Palestina pela força das armas. A Palestina hoje seria um país independente e soberano, sob uma forma de governo estabelecida pela autodeterminação dos palestinos legítimos e legais. Isso foi abortado pelo pagamento de incontáveis

milhões de dólares a “prostitutos masculinos” cristãos pelos sionistas, em uma escala difícil de ser imaginada por quem não está iniciado.

Com sua gentil permissão antecipada, tenho a honra e a sinceridade de submeter-lhe agora meus comentários sobre vários trechos de seu mais recente artigo, publicado na edição de setembro do *A.P.J. Bulletin*, sob a manchete “News and Views of Jews”. No fundo do meu coração, meu caro Dr. Goldstein, sinto verdadeiramente que posso oferecer uma modesta contribuição para o grande sucesso que desejo a você no valioso trabalho que está tentando realizar, mesmo diante de obstáculos tão desanimadores. Minhas reações ao que o senhor afirma em seu artigo podem revelar-se úteis para você. Meus comentários aqui foram concebidos nesse espírito. Permita-me sugerir que os considere com a devida atenção. Sinto que talvez o senhor esteja tão próximo das “árvores” que não consegue ver a “floresta” em sua verdadeira perspectiva. Um ponto de vista genuinamente sincero de um observador externo pode ser útil para ajudá-lo a orientar as atitudes de ontem às realidades de hoje e às probabilidades aparentemente certas de amanhã. Acredito que assim será.

O senhor percebe, meu caro Dr. Goldstein, que todas as “Leis da Natureza” são irrevogáveis. As “Leis da Natureza” não podem ser emendadas, suspensas ou revogadas, independentemente de como nos sentimos a respeito delas. Uma dessas “Leis da Natureza” é, fundamentalmente, a razão básica do “POR QUE OS JUDEUS SE TORNAM CATÓLICOS”, o subtítulo em seu artigo que chamou minha atenção. A “Lei da Natureza” à qual me refiro é a lei de que “A TODA AÇÃO HÁ UMA REAÇÃO IGUAL E CONTRÁRIA”. Em minha respeitosa opinião, essa “Lei da Natureza” é o alfa e o ômega de todas as questões sobre o “POR QUE OS JUDEUS SE TORNAM CATÓLICOS”.

No seu artigo, você faz esse mistério parecer muito complicado. No entanto, na realidade é muito simples. Os chamados ou autodenominados “Judeus” que se tornam católicos hoje estão reagindo subconscientemente a essa “Lei da Natureza”. A conversão ao catolicismo dos chamados ou autodenominados “Judeus” é a “REAÇÃO IGUAL E CONTRÁRIA”

dessa “Lei da Natureza”. A conversão deles é uma “REAÇÃO”, não uma “AÇÃO”. Você ainda pode duvidar disso depois de ler estes fatos?

O catolicismo provou ser espiritualmente a “REAÇÃO IGUAL E CONTRÁRIA” do culto religioso praticado hoje sob o nome de “Judaísmo” e, antes desse nome, sob os nomes de “Talmudismo” e “Farisismo”. O que é espiritualmente notório no chamado “Judaísmo” é notório pela sua ausência no catolicismo, graças a Deus. Apesar de qualquer coisa que alguém possa dizer em contrário, o catolicismo e o chamado “Judaísmo” encontram-se nos extremos opostos do espectro espiritual.

Nossa mente subconsciente nunca dorme. Ela permanece desperta enquanto a mente consciente está adormecida. Essa mente subconsciente dos chamados ou autodenominados “Judaístas” é o motivo de “POR QUE OS JUDAÍSTAS SE CONVERTEM AO CATOLICISMO”. As mentes subconscientes mais espiritualmente sensíveis dos chamados ou autodenominados “Judaístas”, ao longo de 2000 anos, têm buscado um ponto seguro espiritualmente como refúgio do terror do Talmud. Após uma vida inteira respirando a atmosfera do Talmud, os chamados ou autodenominados “Judaístas” encontraram no Catolicismo uma mudança salutar e revigorante do clima espiritual. Eles não puderam resistir à força espiritual da “REAÇÃO IGUAL E OPOSTA” QUE OS ATRAIU PARA O CATOLICISMO.

O Catolicismo forneceu um santuário sagrado para a mente subconsciente mais espiritualmente sensível do chamado ou autodenominado “Judaísta”, em busca de segurança ao escapar do Talmud. Antes de zarpar para o porto seguro do Catolicismo, a mente subconsciente dos chamados ou autodenominados “Judaístas” mais espiritualmente sensíveis teria embarcado nessa viagem de seus correligionários mais corajosos, se não fosse por um motivo: eles temem represálias de seus próprios correligionários.

No seu artigo, você menciona apenas algumas das muitas penalidades impostas pelos chamados ou autodenominados “Judaístas” reacionários a seus próprios correligionários que se tornam convertidos ao Catolicismo. A

conversão ao Catolicismo chegou a privar muitos ex-chamados ou autodenominados “Judaístas” da possibilidade de ganhar a vida. Muitas famílias enfrentaram a fome por essa razão. Um convertido ao Catolicismo deve estar preparado e disposto a sofrer as dificuldades econômicas, sociais e políticas que seus antigos correligionários farão ele pagar como preço pela riqueza espiritual que adquirirá com a conversão ao Catolicismo.

Uma investigação sua o convencerá de que os chamados ou autodenominados “Judaístas” nunca se voltam espiritualmente para o Catolicismo “PORQUE ESSA ERA A RELIGIÃO JUDAICA: PORQUE ESSA É A RELIGIÃO CATÓLICA”, como você afirma em seu artigo. Um chamado ou autodenominado “Judaísta” poderia questionar a sabedoria de converter-se do original para uma cópia do original. Na medida em que o chamado “Judaísmo” é um nome moderno para “Talmudismo”, e “Talmudismo” é um nome dado à prática antiga do “Farisaísmo”, como você pode conciliar o que afirma: “… TAL ERA A RELIGIÃO JUDAICA: … TAL É A RELIGIÃO CATÓLICA”?

Vários chamados ou autodenominados “Judeus” que recentemente se converteram ao Catolicismo são meus amigos pessoais. Nenhum daqueles a quem perguntei se tornou católico porque sentiu que “A IGREJA CATÓLICA É A IGREJA JUDAICA GLORIFICADA”, como você afirma em seu artigo. Que “IGREJA JUDAICA”, eles me perguntam? Não consigo responder. Que “IGREJA JUDAICA”, eu pergunto a você? “Farisaísmo”? “Talmudismo”? Certamente você não se arriscaria a opinar que a Igreja Católica é “Farisaísmo” ou “Talmudismo” agora “GLORIFICADO” como Catolicismo, não é mesmo?

Deve estar bastante claro para você agora que os chamados ou autodenominados “Judaístas” que se converteram ao Catolicismo não acreditam que a Igreja Católica, como você afirma em seu artigo, “É A IGREJA DOS JUDEUS CONVERTIDOS E DE SEUS DESCENDENTES”. Eles não consideram Jesus como um “CONVERTIDO” à Igreja Católica. Você inclui Jesus como um “CONVERTIDO” à Igreja Católica em seu artigo. No seu artigo você

afirma: “PRIMEIRO VEIO CRISTO, O JUDEU DOS JUDEUS”. Nunca ouvi essa designação antes. É original? Nem os chamados ou autodenominados “Judaístas” convertidos concordarão de forma alguma com “DEPOIS VEIO OS APÓSTOLOS, TODOS JUDEUS”, como você também afirma em seu artigo. Não há dúvida de que existe uma área de desacordo grande demais aqui para se desconsiderar as opiniões daqueles que se converteram ao Catolicismo. Nem esses convertidos ao Catolicismo podem ser levados a acreditar como verdade que “DEPOIS VEIO OS MILHARES DOS PRIMEIROS MEMBROS DA IGREJA CATÓLICA, QUE ERAM JUDEUS”, como você afirma em seu artigo sob análise aqui.

Meu caro Dr. Goldstein, como um antigo chamado ou autodenominado “Judeu” durante quase metade de sua vida, ao se converter ao Catolicismo o fez pelos motivos que você afirma em seu artigo “POR QUE OS JUDEUS SE TORNAM CATÓLICOS”? Seria difícil para mim acreditar nisso, apesar das outras afirmações que você faz em seu artigo: “NA VERDADE, NÃO TERIA HAVIDO UMA IGREJA CATÓLICA SE NÃO FOSSEM OS JUDEUS”. Essa afirmação parece incrível à luz de fatos incontestáveis, mas esses fatos podem não ter estado disponíveis para você quando a fez.

Se os chamados ou autodenominados “Judaístas” acreditassem no que você afirma em seu artigo, eles sem dúvida prefeririam permanecer espiritualmente em sua “IGREJA JUDAICA”, pela qual você quer dizer, sem dúvida, o chamado “Judaísmo”. Eles se perguntariam por que os católicos esperavam que deixassem sua “IGREJA JUDAICA” para entrar na Igreja Católica. Poderia parecer mais lógico esperar que os católicos retornassem ao original da Igreja Católica, a “IGREJA JUDAICA”, ou ao chamado “Judaísmo”. Com base no que você afirma, isso não seria inconsistente.

Você me deixa sem palavras ao afirmar ainda que “O CATOLICISMO NÃO EXISTIRIA SE NÃO FOSSE PELO JUDAÍSMO”. Isso deixa muito pouco para eu dizer depois de escrever estas 62 páginas de fatos e comentários. Em certo sentido, há algum sentido no que você afirma, se considerar que a existência do chamado “Judaísmo”, na época de Jesus e

desde então, criou a necessidade da existência do Catolicismo. Mas de maneira alguma a Igreja Católica pode ser considerada a projeção do “Farisaísmo”, do “Talmudismo” ou do chamado “Judaísmo”.

Devemos nos reunir pessoalmente para tratar desse assunto de forma mais completa. Espero que me conceda esse privilégio em um futuro não muito distante. Ao encerrar esta carta, peço sinceramente que tenha em mente, ao lê-la, Gálatas 4:16: “Tornei-me, portanto, vosso inimigo por vos dizer a verdade?” E a isso acrescento: “Espero que não”. Espero que continuemos a ser os melhores amigos possíveis. Se a fé cristã deve ser salva de seus inimigos dedicados, todos nós devemos unir as mãos e formar uma “linha de vida humana”. Devemos puxar juntos, e não em direções diferentes. Devemos “enterrar a machadinha”, mas não na cabeça uns dos outros.

Aguardando com agradável expectativa o prazer de encontrá-lo pessoalmente sempre que lhe for conveniente e agradável, e aguardando sua pronta resposta, pela qual aproveito a oportunidade para agradecer antecipadamente, e com os melhores votos de contínua boa saúde e sucesso, creia, por favor, que sou,

Com o mais profundo respeito e sincera consideração,

Benjamin H. Freedman